

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Claudia Ap. de Castro Meireles Araújo

Rua: Uma Educação em Possíveis

Juiz de Fora

2019

Claudia Ap. de Castro Meireles Araújo

Rua: Uma Educação em Possíveis

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margareth Aparecida Sacramento Rotondo.

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Araújo, Cláudia Ap. de Castro Meireles .

Rua: Uma educação em Possíveis / Cláudia Ap. de Castro Meireles Araújo. -- 2019.

74 f. : il.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Educação. 2. Rua. 3. Vidas em Acontecimento. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento , orient. II. Título.

CLAUDIA APARECIDA DE CASTRO MEIRELES ARAÚJO

RUA: UMA EDUCAÇÃO EM POSSÍVEIS

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre(a) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



Prof.(a) Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - Orientador(a)
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF



Prof.(a) Sônia Maria Clareto
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF



Prof.(a) Catarina Mendes Resende
Universidade Federal Fluminense - UFF

Juiz de Fora, 19 de março de 2019.

Dedico esse trabalho a todos que me tontearam, que me despencaram olhares e trouxeram modos de ver outros. Dedico a todos que vivem na rua, que fazem da existência algo perto de uma resistência. Que fazem da vida um prenúncio do viver. Dedico aos negros que nos ajudam a afirmar nossa existência.

Agradecimentos

Aos governos Lula e Dilma que, pelas políticas públicas implementadas, tornaram possível minha formação no caminho da pesquisa em Educação.

À FAPEMIG, pela bolsa.

Aos negros, que tornaram essa pesquisa existente.

Ao programa de governo, Consultório na Rua, implantado em 2011 pela Política Nacional de Atenção Básica, instituído no governo Dilma, que me ajudou a testemunhar a presença da população em situação de rua.

Às cidades do Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Felício dos Santos, Carmo de Minas, cidades de meu nascimento e nascimento dessa pesquisa.

Ao Travessia, que pude navegar rio afora, mar a dentro... Ao Travessia, que me ajudou a atravessar mundos outros.

À Margareth, pela companhia e por testemunhar com delicadeza e confiança o nascimento desse trabalho...

Ao Tarcísio, companheiro de tantas travessias, pela generosidade: me “emprestou” suas palavras para fazer dessa pesquisa, escrita.

À Rita, por me apresentar o Rio em amor ...

À Soninha, grande compositora, pela alegria em fazer das palavras movimento, por me ajudar a transbordar, a ser outra...

À Catarina, pela escuta e sensibilidade ao ouvir esses nascimentos, de tantas gentes...

À Maria Paula, pela correção, atenta e generosa...

À Bunita (Bruninha), por fazer dessa pesquisa questões, por me ajudar a enxergar outros possíveis em uma educação.

Às Letícias, pela presença e mergulho no trabalho, ajudaram essa pesquisa viver em outros mundos...

Aos amores, que por amar me soube outra !!!

Agradeço ...

Isso não é um resumo. Não há resumos: Isso é um convite a ir para a rua, a nos olharmos e olhar esses tantos outros que encontramos ou desencontramos na rua, esses tantos outros que têm também como casa, a rua. Essa escrita é construída dentro da rua e faz-se entre algumas ruas de tantas cidades que percorri e que percorrem em mim. Cidades estas que aparecem como vozes de urgência a um dizer, em companhia de vários outros. Essa pesquisa coleciona encontros numa educação. É um convite a encontrar outras formas de pisar e olhar o chão. É fala de vidas que não param de brotar. São vidas que *variam de várias*. Essa escrita *são* de vários. Faz-se entre vários. É nós!!!

This is not an abstract. There are no abstracts: This is an invitation to go to the streets, to look at ourselves and to look at these many others that we meet or miss on the street, these many others that also have as their houses, the street. This writing rises from inside the street, and it is made between some streets of so many cities that I have gone through and that also go through me. Cities that appear as voices of urgency to a “saying”, in the company of several others. This research collects encounters in an education. It is an invitation to find other ways to step on and look at the ground. It is a voice of lives that do not stop sprouting. They are lives that *vary from various*. This writing *are* of various. It is made among various. It is us !!!

POSSÍVEIS NUMA EDUCAÇÃO:

Um anúncio da rua	8
Que educação é esta que acontece na rua?	9
Uma cabeça solta	15
As coisas estão por um Fio	17
O Catador de Latas Tristes	19
Um mar de sujeiras anônimas	20
Um céu de asas	22
Ela guarda em seu corpo as marcas de um chinelo de correias rosas	23
Obra sem Título	24
Do dia que as coisas ficaram Diferentes ou coisas de Andarilho	26
Um chão que soa negro	28
Coisas sobre o tempo, ou o que o tempo faz Durar	30
Um aprender produzido por um Copo	32
Um ir aprendendo teatro em estado de rua	35
O Velório de uma Árvore	38

Ela tinha os dentes soltos como seus sonhos	41
Alguns encontros com deus e... Um senhor alto como o seu altar	42
Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece	45
Um homem com uma barba em sua mão	48
Um homem negro com uma cabeça que poderia voar	49
Coisas de Feira	52
Um diário contado por uma mulher de pés tortos, sentada em sua cadeira de rodas	55
Um homem de língua rasgada, segurado por umas palavras	57
Ela caminha trôpega e altiva, com seus pés de unhas aparentes	59
Um homem branco que se diz escravizado	60
O processo de pesquisa	62-69
Outros Possíveis	70

Um anúncio da rua:

Ninguém nasce desta ou daquela raça.

*Só depois nos tornamos negros, brancos ou de outra qualquer raça.*¹

*Escreve-se a história, mas ela sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, e em nome de um aparelho unitário de Estado, pelo menos possível, inclusive quando se falava sobre nômades. O que falta é uma Nomadologia, o contrário de uma história. Os nômades inventaram uma máquina de guerra, contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo [...]*²

¹ COUTO, 1999, p. 12.

² DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 46.

Que educação é esta que acontece na rua?

Educação que se faz em tempos outros, educação de tempos outros. Um tempo que descansa no próprio tempo. Era assim que por alguns instantes, corpos negros³, que se manifestam na rua como num protesto, nos convidavam a ter um outro movimento no olhar, convidavam a enxergar a educação de um outro lugar, num tempo que varia no tempo da criação.

Uma educação em travessia. Atravessando modos de existências.

Como alguém aprende? Aprender enquanto experiência, em afetos.

O desafio é exercitar um pensamento, disposto ao tornar-se sensível ao movimento dos signos num caminho de aprendizado. ⁴ Aprender é invenção, que acontece no encontro entre corpos. Um aprendizado é uma experiência, onde algo novo pode acontecer. Aprender como aquilo que nos passa de uma maneira transversal. Aprender como acontecimento. ⁵ Uma educação que afirma o acontecimento, de vidas em nascimento.

Educação como acontecimento que se faz no próprio caminhar, que acontece entre as invenções. *Inventar é movimentar-se no território radical do inesperado, que nos desarticula [...]. E a própria figura humana experimenta um inevitável colapso, isso porque aquela subjetividade foi desacomodada daquele lugar que costumava habitar. Liberaram-se potências desconhecidas que lhe exigem outras referências sígnicas, outra geografia de sentidos por onde transitar. O inventor é um cartógrafo de terras ignotas.* ⁶

Um encontro ao acaso, com algo que nos violenta, transborda, alarga os limites do já pensado e do já sabido, à espreita, num viver em potência, em acontecimento que violenta o pensar.

O acontecimento é transversal a tudo que suscita o viver na rua, esse viver que explode alguns códigos, que descodifica e desterritorializa, que escapa de uma intencionalidade.

³ Negro nessa pesquisa, refere-se à Mbembe, 2017, p.27 : *trata-se de uma nova “raça”, que transcende as questões relacionadas a aparência, cor da pele ou origem. O negro já não é apenas o homem negro, africano ou de origem africana, mas todos os que hoje formam uma humanidade excedente em relação à lógica econômica neoliberal.*

⁴ ROSS, 2004, p. 1.

⁵ O grupo de pesquisa travessia da UFJF, encontra abrigo nessa escrita acontecimento, com alguns trabalhos que vivem essa pesquisa. Dentre eles a pesquisa de Marta Elaine de Oliveira, intitulada: Aprender enquanto travessia: entre banalidades e formações e matemáticas e línguas e peles e escritas... uma vida. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

⁶ PRECIOSA, 2010, p. 75.

Aprender como um esquizo⁷, *num tempo não cronológico, num tempo interessado no efêmero, no acaso, na estetização da passagem apressada(...)*,⁸ curva, lentificada. Exercita-se nessa pesquisa, o inesperado, a multiplicidade *a criação da vida cotidiana*.⁹ Exercita-se um lugar para ser criado, um lugar totalmente distinto do sentimentalismo, e esse algo distinto que aflora é justamente da ordem do mutável, do humano-inumano, *do a-consciente*.¹⁰ Essa pesquisa em educação, pensa a rua como algo que está entre o humano-inumano, como que se quisesse alargar as dimensões dos afetos, do humano, do viver na educação. O humano é uma pergunta nessa pesquisa. O que a educação pensa como humano? *Desalojamos o homem para salvar o bicho acuado, abatido, convalescente, envergonhado que carregamos em nós*.¹¹ *Minha crença não é de gente humana. Eu tenho religião dos bichos. [...] Quero transitar-me para bicheza*.¹² *Para os brancos, o negro é santo ou demônio, transitando da inocência para a malvadez sem nunca passar pelo humano*.¹³ *Humano é o nome de uma espécie, sendo que a espécie justamente é aquilo que desapareceu para que o homem, tal como ele se toma, pudesse aparecer*.¹⁴ Mbembe, diz que gostaria de explorar as condições da racionalidade que inventou um sujeito que chama de “sujeito racial”, *um sujeito de quem não se sabe qual é a parte humana e qual é a correspondente ao animal, à coisa ou à mercadoria. E, como esse sujeito, de quem nos é dito que não se trata de um sujeito, pode organizar seu “retorno a humanidade”*.¹⁵

⁷ DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 29. *Dir-se-ia que o esquizo[...] passa de um código a outro, que ele embaralha todos os códigos, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam.*

⁸ PELBART, 2016, p. 326.

⁹ PELBART, 2016, p. 326.

¹⁰ O a-consciente é para Pelbart, 2016. Algo pré- lógico ou pré lingüístico, é intransitivo, não significante, sem finalidade.

¹¹ PRECIOSA, 2010, p. 83.

¹² COUTO, 1999, p. 32.

¹³ COUTO, 1999, p. 52.

¹⁴ PELBART, 2016, p. 302.

¹⁵ MBEMBE, 2017, p. 14.

O que é possível pensar com isso? Como a educação produz com os corpos negros? O que é o humano na educação? Quando acontece o aprender? Algo que, como afirma Ross, *impede que continuemos sendo sempre os mesmos.*¹⁶

Uma educação que está para além da escola. Para além dos muros escolares, para além da instituição escola. Uma educação que está na escola. Uma educação que se faz na rua, no conviver com seus passantes. *A tarefa que importa: realizarmo-nos saborosamente.*¹⁷

Sabedoria, que é sabor da vida, que é afeto junto dos possíveis do humano-inumano que habitam nessa educação rua.

João Guimarães Rosa, adverte-nos, contudo, que *se carece de aprender a viver [...] e que ninguém não ensina. Somos todos aprendizes, que tateiam. Aprendemos uns com os outros; uns dos outros. Mire e veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.*¹⁸ Seria esse o aprender com a rua? Um aprender que vai se fazendo nos encontros.

Essa educação na rua olha para um novo mundo que ensaia seu acontecimento, o seu nascimento. *Minha senhora dona, um menino nasceu – o mundo tornou a começar.*¹⁹ A educação na rua, espreita um novo mundo que está por começar, por nascer em chãos de asfaltos, em chãos outros. *Os pés irrequietos [...] procuram terrenos estranhos para pisar. Quanto mais esburacados, pedregosos, enlameados, mais brincadeiras rendem. Desafiando o equilíbrio da verticalidade que lhes ensinaram, acabam encontrando outros centros de amparo. Parecem ouvir a voz do chão a lhes dizer: cai que eu te cuido. O chão deles é o da ilimitada curiosidade, da bisbilhotice, da expedição exploratória. Nunca está firmemente assentado num lugar. Não é chão para se medir em passadas nem para se calcular a velocidade de um deslocamento. É um chão de farras, de ambulação, de perquirição. Chão de piruetas, de extravagâncias, onde se investigam e inventam formas de caminhar, modos de viver.*²⁰ Chãos de modos de se fazer educação.

¹⁶ ROSS, 2004, p.8.

¹⁷ LARA, 2010, p.3.

¹⁸ ROSA, 1986, p.15.

¹⁹ ROSA, 2001, p.412.

²⁰ PRECIOSA, 2010, p. 87.

A educação deve saber que está mexendo com a própria teia da vida. ²¹ A rua é também um lugar em que pensa a vida como algo imanente, em *nascência*. A vida acontece em suas existências múltiplas. As ruas são marcadas também por alguns pisotear, por passos de muitos, por passos desconhecidos. A próxima marca, a próxima vida que está por chegar é algo inesperado, é um acaso, um acordo que as ruas fazem com seus passantes, as ruas sustentam e afirmam existências que soam vidas em acontecimento. As ruas acordam existências outras.

O que pode acordar em uma educação?

Todos os dias eles acordam em tantos outros lugares. Todos os dias eles podem não acordar. Todos os dias eles nos acordam. Todos os dias eles nos acordam. Todos os dias eles podem não acordar. Todos os dias eles podem não acordar.

²¹ LARA, 2010, p. 4.

Sorriso. Não sabe sua idade. Negro

A minha história de infância passou tão rápido que eu nem entendo.

Rosi Melo. 45 anos. Negra

Quando meu pai morreu, no cemitério, minha tia me levou num carro preto de funerária, aí chegou lá minha vó pegou minha mão e pediu pra tomar bença. Achei que ele estava dormindo. Acho que ela também. Até eu entender aquilo foi muito esquisito. Depois fui morar lá na minha tia. Nós brincava de deitar no chão, e olhava pro céu e via até Jesus Cristo no céu. Até hoje eu vejo Jesus Cristo no céu. Nós brincava de noite, de roda. Fui no tororó, beber água não achei... Achei bela morena... A canoa virou, no fundo do mar, porque fulano não soube remar. Terezinha de Jesus, uma queda foi ao chão. Eu lembro quando a minha mãe passava roupa em casa, aí eu ficava cantando em baixo da mesa. Eu tinha uma boneca, que tinha bercinho, tinha fogãozinho. Meu pai sempre trazia das viagens pra mim.

*A mãe dela estava nesse instante enrolando os cabelos em frente ao espelho do banheiro, e lembrou-se do que uma cozinheira lhe contara do tempo de orfanato. Não tendo boneca com que brincar, e a maternidade já pulsando terrível no coração das órfãs, as meninas sabidas haviam escondido da freira a morte de uma das garotas. Guardaram o cadáver num armário até a freira sair, e brincaram com a menina morta, deram-lhe banhos e comidinhas, puseram-na de castigo somente para depois poder beijá-la, consolando-a.*²²

Era assim, entendeu?

Altair dos Santos, tem um nome inventado. 47 anos. Negro.

Aproximo-me devagar, como quem aproxima de algo que a qualquer momento pode escapar. Olho devagar. Ensaio algumas palavras:

Qual o seu sonho Altair? Não tenho nenhum.

Longo e profundo silêncio. Algo encoraja-me e pergunto novamente. Qual o seu sonho Altair? É dormir mesmo. E você, dorme bem? Durmo. Alguns sorrisos, interrompidos por outro longo silêncio.

Seu sonho é dormir então, não é? Não, meu sonho não é dormir, não. É estar.

²² LISPECTOR, 2016, p. 196.

Estar na educação. Estar em educação. Estar com educação. Estar em educação. Estar com. Estar com uma cabeça solta, que rola em chãos de asfaltos. Estar. Parar. Ficar. Aguardar. Suspirar. Lentificar. Olhar.

Uma cabeça solta

Uma cabeça solta num chão de asfaltos assusta-me. Percebo que a cabeça tinha um corpo. Percebo que o corpo tinha uma cabeça. Cabeça negra, cabelo negro, olhos inquietantes, uma voz gaguejante, afetiva, intensiva. O moço sussurrava por palavras urgentes. Hesito em me aproximar, a cabeça solta num chão de asfaltos surpreende-me. Respiro. Descubro novamente que a cabeça tem um corpo. Ou penso que a cabeça, poderia não ter mais um corpo. Desvio meu rumo. Minha vontade de ir é perdida como a cabeça solta num chão de asfaltos. Olho para o moço de cabeça negra, assim como quem olha, para ninguém. *Eu sou ninguém... Eu sou o que você não nomeia e não consegue representar. Nós somos apenas lá onde a linguagem encontrou seu ponto de colapso. Na verdade, existir é colocar em circulação um vazio que destitui, uma nomeação que quebra os nomes.*²³ Quebram-se os corpos. Cabeça solta por um chão de asfaltos. Aproximo-me. Pergunto uma pergunta inquieta, quase ingênua. O que poderia desejar uma cabeça dependurada sobre um mar de asfaltos: “Você está precisando de algo? Senhor, você está precisando de algo?” “Preciso me suicidar”. Paro. Respiro. Olho aos arredores, talvez à procura de alguma coisa viva, deixada por um moço de cabeça negra, dependurada num chão de asfaltos. Encontro algumas batatas roxas, e sacos despedaçados ao chão, como o corpo desse mesmo homem. Quem agora segurava as batatas era o chão. O mesmo chão que segura o moço de cabeça dependurada em um asfalto. É esse chão que guarda um pouquinho da vida, desse moço. Agora sou eu que empresto o meu gaguejar à cabeça quase solta por um chão de asfaltos em vertigem. Entre um carro e outro, em afeto, meio gaguejante. Pergunto: “Será que você poderia se suicidar amanhã?”. Respiramos. A cabeça solta surpreende-me. Agora ela pega uma outra parte do corpo. O moço levanta seu tronco. “Você tem uma casa para eu morar? Você não tem uma casa para eu morar?” O que mais queria dizer esse moço? Ele era gago de nascença, mas tinha algo a dizer. Qual casa moraria em um corpo, uma cabeça dependurada sobre um chão de asfaltos? “Você não tem uma casa? Deixa eu me suicidar. Eu quero me suicidar”. Saiu. Mas a cabeça gaguejante de um chão de asfalto continua em mim. O moço chama-me novamente. “Eu quero uma casa. Deixa eu me suicidar.” Fico com a cabeça negra gaguejante. A língua põe-se a vibrar, a gaguejar, sem contudo se confundir com a fala. *A língua põe-se a gaguejar, isso excede as possibilidades da fala e atinge o poder da língua e mesmo da linguagem. No limite ele*

²³ SAFACLE, 2016, p. 7.

*toma suas forças numa minoria muda desconhecida, que só a ele pertence. É um estrangeiro em sua própria língua: não mistura outra língua à sua, e sim talha na sua língua uma língua estrangeira que não preexiste. Fazer a língua gritar, gaguejar, balbuciar, murmurar em si mesma*²⁴, é o que podia esse moço de língua gaguejante. E a cabeça gaguejante nos convoca a um único sopro no limite do grito.²⁵

²⁴ DELEUZE, 1997, p. 125.

²⁵ DELEUZE, 1997, p. 125.

As coisas estão por um Fio

Um fio verde, com uma rodinha de metal capturava moedas. Foi assim que percebi um senhor, foi assim que pude perceber a presença desse homem: por um fio verde com um metal em sua ponta. O moço catava moedas de um chão de pedras. Entre as pedras algumas grades metálicas faziam companhia ao chão cinza. Nessas grades, as moedas caíam. Caíam de bolsos diversos, ou de mãos diversas, como a existência desse moço. Uma existência diversa, que afirma-se na multiplicidade. *Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza.*²⁶ Era assim que esse homem nos convidava a percebê-lo. Para encontrá-lo seria urgente alguma mudança, seria necessário lançar-se à experiência. Seria necessário arrancar alguns modos de ver e trazer outros. Olhar mais devagar, gesticular mais devagar. O acontecimento pedia certo silêncio. A quietude fazia com que cada gesto tivesse uma economia, um momento exato de acontecer. Alguns olhares sinuosos e desviantes levaram-me para o moço que capturava moedas de um chão cinza. Os olhares falam: “Aqui na rua, nesse lugar de grades venho muitos dos meus dias, pescar moedas, compro alguns pães com essas moedas, é o meu café da manhã, eu compro pão e leite” e aponta-me um bolso gordo, cheio de moedinhas. O mesmo bolso de uma calça conseguida de um outro modo, como a existência desse senhor. Você tem namorada? E filhos? “Não a gente só tem aquilo que a mão alcança”, e lança a mão na calça jeans. “Essa calça, consegui numa caçamba de lixo. Nem está rasgada, só pintada. Fiz a bainha, aprendi a fazer. Consegui. Aí eu peguei a calça que está com tinta. Eu peguei não custa nada. Isso é um teste que a gente está passando pra ver se é orgulhoso. Pensam que eu sou doido, lá vem o doido, só porque eu caio na rua. Consegui na rua também um relógio, desses que não marcam o tempo, mas marca outra coisa. Teve um dia, esse dia foi bastante emocionante, consegui uma nota de cinquenta reais. Mas para apalpar a nota foi preciso um malabarismo, um malabarismo de notas. Vou contar: Joguei um ímã, que caiu em cima da nota, depois coloquei meu ímã da cordinha perto da nota. Eu nem sei como, mais os cinquenta reais ficou entre o ímã grande e o ímã da cordinha, agora estava fácil, era só puxar. Pronto, um bolso agora está rico, rico de cinquenta reais. Outro dia, achei uma tela de um quadro. Peguei a tela do quadro, e limpei. Limpei todas as cores. Achei naquele depósito de lixo. Levei pro meu primo desenhista, ele faz pintura a óleo, ficou lindo. Desenhou um rio, uma lagoinha,

²⁶ DELEUZE, 2011, p. 23.

um céu azul e as nuvens. Só falta esse escrito de Jesus. Eu sou o caminho e a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim. Está tudo acontecendo. Eu queria trabalhar com caminhão mais não posso, é por saúde. Fui internado. Fiquei em Betim por cinco anos, o colégio era bom, era ótimo. Tinha tudo lá. Tinha hora pra tudo, pra tomar banho, divertir, tinha também lavanderia. O colégio era excelente. Lá que eu aprendi fazer bainha de calça. Aprendi muita coisa boa naquele colégio, no artesanato, fiz um cinto de couro pra mim. Faço porta vaso de corda e bambu. Pode passar verniz, pode ser natural, encerado. Se você fosse lá em casa, você já veria. Aprendi a costurar bola. O futebol não é trabalho, é lazer. O futebol é dança. Assim ó”: O senhor dança com os pés, um pra lá outro pra cá. Num embalo singelo acompanhado por uma sombra que traz a impressão da bola costurada por suas mãos. Os chinelos azuis dessa dança compunham com o dia de céu azul. Uma dança azul foi costurada com os pés desse senhor, que entregou-me por suas mãos, um papelzinho escrito assim: “Clínica da Alma”, tirado do mesmo bolso, da mesma calça jeans com tinta, da mesma calça que havia feito bainha e que fora encontrada no lixo.

O Catador de Latas Tristes

Caminho por essas ruas e surpreendo-me com um senhor alto como suas virtudes. O senhor carrega um saco imenso sobre suas costas, sacola tão grande que o faz quase desaparecer. Se não fosse sua sabedoria o homem desapareceria. Era um catador de latas tristes e, também, catador de outros seres. Ele parece que carrega todos os seus sentidos dentro daquele saco imenso, naquela rua de pedras quentes. Quando, de súbito, derruba um objeto que guarda a rua. Com toda delicadeza o moço de tão alto, desprende-se dos seus sentidos pesados, pega o objeto da rua e arruma-o como que se quisesse cuidar da própria vida. Parece não ter nenhuma ideia sobre o mundo, parece ser sustentado por um *nada*²⁷ e, nesse momento, a poesia foi apreendida, o silêncio gritou por toda a dureza daquela vida delicada. E pertenceu-me.

Eu já disse quem sou ele.
 Meu desnome é Andaleço.
 Andando devagar eu atraso o final do dia.
 Caminho por beiras de rios conchosos.
 Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
 Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
 (Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
 Não tenho pretensões de conquistar a ingloria perfeita.
 Os loucos me interpretam.
 A minha direção é a pessoa do vento.
 Meus rumos não têm termômetro.
 De tarde arborizo pássaros.
 De noite os sapos me pulam.
 Não tenho carne de água.
 Eu pertenço de andar atoamente.
 Não tive estudamento de tomos.
 Só conheço as ciências que analfabetam.
 Todas as coisas têm ser?
 Sou um sujeito remoto.
 Aromas de jacintos me infinitam.
 E estes ermos me somam.²⁸

²⁷ Nada aqui é como refere-se Manoel de Barros, 2013, p.7: [...] *o nada é um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras... O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.*

²⁸ BARROS, 2013, p. 57.

Um mar de sujeiras anônimas

São duas horas da tarde, o sol parece ter apagado sua luz. Só um pombo faminto colore a areia com sua cor negra, mesclado entre um cinza chumbo pálido, chumbo que também pinta o mar. É dia do mar, todos os dias são dias de mar. O cheiro é de um mar bravo. É um mar de ondas marrons, ondas pesadas, é dia de ondas que trazem a sujeira de dias passados. As sujeiras da praia não têm nome, mas deixam marcas. Um gari negro que cuida das sujeiras anônimas anuncia numa voz de quem mora com o mar: “Esse lixo aqui, é o que o mar trouxe. O que o mar não quer, ele devolve”. Um corredor pálido, na areia branca marca um longo caminho de sujeiras devolvidas pelo mar. Nesse corredor, desfila um menino de bermuda laranja, num andar lento de pernas abertas, que parece ter em sua companhia alguns pombos e outros mergulhos na areia pálida, pintada por sujeiras anônimas. O menino também é acompanhado por seus mergulhos, a cada vez que sua perna se abre, um mergulho na areia acontece. As pernas do menino se abrem e o mergulho acontece, parece que nesse salto ele morde sua língua e a coloca entre os dentes, talvez para confiar que seu vôo será certo, como uma flecha procurando seu alvo. O alvo do menino é um pombo que ele chama de seu. A cada vez que o menino voa o pombo voa em sua companhia, parece um vôo maior que suas alturas. Um vôo de pombo e menino acontece. O menino é tão selvagem como os pombos. Outro mergulho na areia acontece. Ele tenta capturar os pombos pálidos, como num vôo, assim como uma brincadeira de criança. No mesmo instante, um menino de bermuda laranja que voa junto ao seu pombo, é invadido por uma onda marrom que carrega sujeiras anônimas. Os pombos, na presença da onda, saltam, parecem que não gostam de molhar os pés. Na companhia do menino os pombos voam. Os pombos voam na companhia do menino e saltam na presença das ondas. Ele parece compreender a língua do pombo, o pombo voa com o mesmo andar do menino. O mesmo pombo que parece voar como o menino, come e esmaga o lixo de sujeiras anônimas, carregado por um gari negro, que veste a mesma cor que o menino. O gari aumenta sua cor na presença da onda. O gari negro salta para aliviar os seus pés, a cada onda marrom de sujeiras anônimas, trazidas pelo mar, e fica ainda mais visível de cor aumentada e começa a catar as sujeiras passadas trazidas pelo mar, jogadas num trator também da mesma cor que o menino e o gari. Um trator da mesma cor que o menino e o gari negro, agora carrega as sujeiras esmagadas por um pombo, que voa com um menino e que carrega as sujeiras também vistas por um gari negro. O trator laranja caminha pela areia

da praia e os pombos voam. Aos pouquinhos, o pombo vai se transformando numa direção desconhecida, rumo ao menino também agora desconhecido pelo gari negro que carrega as sujeiras desconhecidas de um mar, que não engole lixos de sujeiras anônimas.

*As palavras eram meus barcos
Com elas atravessaria as ondas
Venceria as calmarias,
Aportaria em outras terras.*²⁹

²⁹ Queiros. Acesso em <05 de Fevereiro de 2019>

Disponível em: <https://www.goodreads.com/work/quotes/17271649-vermelho-amargo>.

Um céu de asas

O céu olha para um chão de alguns pés. Olho também para esse céu, o encaro. Não está mais vazio, é um céu de multidões de Garças. Estão num bando de asas, são tantas que me causam espanto. Nunca vi um céu desses, as garças me mostram o que em mim eu desconheço: um céu cheio de asas. Descubro que o céu não é solitário, as garças me ajudam nessa descoberta. O que sei das garças é só o seu voar, elas fazem um caminho que é anunciado pelo sol. Ao entardecer, elas migram de um lugar a outro. E parecem repetir todo um caminhar, na mesma hora de um dia. Não sei também dizer da felicidade das garças, mas sei que elas sabem pousar. Desconfio que são felizes por isso, sabem pousar em movimento. Desconfio que as garças não entendem de relógio, mas aprenderam a elogiar o sol.

Ela guarda em seu corpo as marcas de um chinelo de correias rosas

Ela tem um vestido azul bordado de flores que rodeavam o pescoço. Um vestido que cobre o pescoço de pele negra. Ela tem em seu corpo um chinelo de correias rosas. Tem uma fala que, para ser ouvida, precisa chegar bem perto. “Eu sou da saúde mental: preciso de um sapato, será que você pode me doar?”. Ela caminha com a cabeça à frente do corpo, parece que é carregada por uma cabeça. Ela faz um barulho estrondoso com o chinelo de correias rosas que parece macio, no chão de madeira todo sintecado de rua. Ela também sorri a cada soar do chinelo de correias rosas, que parece mais pesado que seu próprio peso. Ela respira ofegante, ouve-se de longe, ela caminha com as mãos no quadril para descansar os seus braços. Ela caminha com as mãos no quadril para descansar. Ela agradece com o olhar fixo no chinelo de correias rosas, de peso apertado, maior que o seu. Ela tem um olhar mais pesado que o seu próprio peso, não mais que os chinelos de correias rosas. *Quando fala parecia lambe era a própria língua.*³⁰ Ela bebe água como uma gata, primeiro se vê sua língua, para depois a água aparecer em sua boca. Ela bebe água como uma fêmea da raça humana. Ela vai para algum lugar, talvez para seguir as marcas deixadas por um chinelo de correias rosas, mais pesado que seu próprio peso.

³⁰ COUTO, 2000, p. 21.

Obra, sem Título

Ela falava três línguas, não aceitava dinheiro de qualquer um e vivia maquiada, destacando-se dos colegas pelo "porte nobre". Assim é descrita Fernanda, a moradora de rua assassinada no mês passado em Copacabana, no Rio. Ela voltou a ser assunto no bairro após a prisão de dois suspeitos, nesta terça-feira (14). Segundo a polícia, o estudante de medicina Rodrigo Gomes Rodrigues, 24, e o lutador de MMA Cláudio José Silva, 37, confessaram ter matado Fernanda a tiros. A confissão ocorreu, diz a polícia, após serem flagrados com drogas na casa do lutador. A reportagem foi à Copacabana e ouviu vizinhos, trabalhadores do bairro e moradores de rua que, em algum momento, conviveram com Fernanda. A maioria pediu para não ser identificada. Ela era diferente dos demais, dizem. Não fumava, não bebia, não usava drogas e nem sequer pedia esmolas. Comprava comida no mercado mais próximo. Segundo um dos atendentes, parecia "uma dama da sociedade". Escolhia alimentos saudáveis e pagava "sem mendigar". Fernanda tomava banho diariamente no Posto 2, da avenida Atlântica. Chegava cedo, local ainda vazio. Passava creme hidratante, filtro solar e a maquiagem rosa, que a destacava na multidão de moradores de rua que perambulam pelo bairro. Carregava sempre muitas sacolas, com roupas, baldes, panelas e o fogareiro em que cozinhava o jantar. De dia, optava por saladas, enquanto observava o tempo passar, instalada embaixo da marquise de uma loja na avenida Nossa Senhora de Copacabana, a poucas quadras do hotel Copacabana Palace. "Nunca aceitava as quentinhas que os turistas tentavam dar, com as sobras do almoço. Sempre se portava quase como dama, quase esnobe. Mas parecia gente boa pra caramba", conta o garçom Severino Sampaio, 32. Não pedia esmolas e recusava até se algum homem tentasse deixar algum dinheiro na cumbuca colocada à sua frente na calçada. Aceitava as "contribuições", como dizia, de senhoras moradoras dos edifícios da região que, às vezes, levavam panelas para ela ariar. O segurança Roque Silveira, 44, conta que cuidava da esquina onde vivia "como da própria casa". "Limpava todos os dias o lugar. Tinha um urinol, em que colocava uma sacola plástica. Nunca acompanhada, e por vezes falando sozinha, não dava pistas de sua trajetória até habitar as ruas. Apenas com o crime sua origem veio à tona: Anápolis (GO).” Circulava a história de que havia sido secretária-executiva, altamente capacitada, casada com um homem francês, que a deixou e levou embora seus três filhos. O caso de Fernanda exemplifica que existe "um movimento de extermínio ativo em bairros da zona sul carioca", na opinião da psiquiatra Maria Teodora Rufino, que atua junto à comissões de amparo a pessoas em situação de rua. Silva, lutador de MMA,

e Rodrigues, estudante de medicina, foram identificados por câmeras de lojas. Segundo a polícia, em depoimento, os suspeitos disseram que o crime ocorreu após um bate-boca com outro morador de rua, que havia lhes atirado uma lata de cerveja. De acordo com Daniel Rosa, delegado responsável pelo caso, Rodrigues disse que foi até a casa do lutador, onde pegou a arma de fogo e voltaram juntos ao local. O outro morador, ainda pelo relato, não estava mais lá, e Fernanda dormia enrolada em cobertas. O lutador teria então atirado nela por engano.³¹

³¹ Recorte da matéria do Jornal, Folha de São Paulo, editado por Kelly Lima. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2017.

Do dia que as coisas ficaram Diferentes ou coisas de Andarilho

Manhã de sol. Subo a praça verde de minha quase cidade. Estava bastante despercebida com as coisas. Desatenta. Parece um dia comum, de palavras comuns. De repente ouço alguém dizendo: “Eu agora não caso mais com homem pobre.” Olho para a moça e continuo a subir pensativa nas possibilidades das relações. De repente, ouço uma cantoria, meio como um balbuciar sinfônico. Era um senhor desses que cata palavras mudas para salvá-las da solidão. Francisco, salva as palavras da morte. Francisco faz das palavras, movimento. O senhor canta e responde à moça, num tom de uma manhã de sol. Sou puxada por essa cantoria. Desfaço meu caminho tão comum. Assento ao lado de Francisco, barbudo, quase branco, pés de grandes caminhos trilhados, de marcas sombrias, de cheiros desconhecidos. O senhor pede-me um terço e o que comer. Seguimos juntos, cantarolando. Também tenho fome, fome de estar com Franciscos. Tarde. Tarde de sol esquentante. Reencontro Francisco. O convido para jogar um jogo meio sem nome, num chão de terra, como os pés sujos desse senhor. Começamos um delicado jogar dançante, entre as histórias tão fascinantes desse velho senhor. O senhor conta-me com o seu jogar, o quão digna é a existência desse andarilho e, sem querer dizer, o senhor diz do quanto de cuidado há de se ter nessa existência tão frágil, tão imponente diante do viver. Francisco dança para todos que querem ouvir a cor da sua história. Francisco dança histórias silenciadas. Hoje continuo a procurar o não tão velho barbudo, pela mesma praça verde do nosso primeiro encontro. O que consigo sentir é o cheiro dessa dança tão viva desse senhor tão cheio de mistérios. E pode-se dizer que até hoje, toda a cidade continua a ouvir a música dançada por Francisco.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso, talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez, nos rostos que nela vivem,

*ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão e o dia será quase pior que a noite.*³²

³² NIETZSCHE, 2005, p. 638.

Um chão que soa negro

*Esse era o seu constante sonho. Vestiu-se melhor com sua pele, configurado na alma em que nascera. Seu medo era esse: que esses que sonhavam ser brancos segurassem os destinos do país. Proclamavam mundos novos, tudo em nome do povo, mas nada mudaria senão a cor da pele dos poderosos. A panela da miséria continuaria no mesmo lado do lume. Só a tampa mudaria.*³³

Uma bateria dispersa no meio da praça, faz-me companhia. Ele canta, sua e soa negro. Uma bandeira do Brasil, calada em uma caixa de bateria, podia ser avistada ao longe. É interessante ver a bandeira ir sendo música. Ele para o som. O som de um soar negro não para. Diz algo que não recordo, diz em músicas. Ele sua. Soa mais. Sangue negro escorre no chão quente. Ele se veste de música, sua companhia era também uma bateria que suava negro. Ele escorria suor negro. Ele aprendeu marcar o chão de uma praça com soar e suar negro.

Uma educação que soa negro. O soar de um negro:

*O negro como “raça” é uma invenção do capitalismo, exige a consideração de que o negro é, depois disso, sujeito de uma posição no mundo. A palavra “negro”, não designa [...] a vítima, mas também aquele que se afirma sujeito de luta, forma radical de uma consciência em explosão [...]*³⁴

Essa pesquisa não é para enaltecer a beleza da negritude, mas para construir uma “educação” do sujeito para além da raça.³⁵ E com a raça. Não basta se desvencilhar do conceito de raça, ou rejeitá-lo, para que ele deixe de ser efetivo ou para que o racismo desapareça. É preciso que em vez disso tentar fazer que ele exploda de dentro para fora.³⁶

[...] o Tipo de “raça” produzido pelo capitalismo da era neoliberal tem, no fundo, algo a ver com aquilo que constituía a condição negra entre os séculos XV e XIX. Trata-se de uma nova “raça”, que transcende as questões relacionadas à aparência, cor da pele ou origem. O negro já não é apenas o homem negro, africano ou de origem africana, mas todos os que hoje formam uma humanidade excedente em relação à lógica

³³ COUTO, 1999, p. 55.

³⁴ AZEVEDO, 2017, p. 7.

³⁵ MBEMBE, 2017, p. 15.

³⁶ MBEMBE, 2017, p. 15.

*econômica neoliberal. A questão já não se limita aos seres humanos serem tratados como mercadorias, mas que se instile o sujeito humano o desejo de se vender a si mesmo, ou seja, de se converter em objeto. Desse ponto de vista, assistimos a um devir-negro do mundo.*³⁷

³⁷ MBEMBE, 2017, p. 27. [...] Pelbart, 2018, contribui: A negritude, não é apenas uma condição subalterna reservada aos negros, já que é o lote de sofrimento que pouco a pouco se estende para além dos negros- é o devir negro do mundo, que abarca desempregados, descartáveis, favelados, imigrantes.

Coisas sobre o tempo, ou o que o tempo faz Durar

*A “senhora” pode ter sido acarinhada por mão, por lábio, por corpo, mas nenhuma carícia lhe devolve tanto a alma como a lágrima deslizando.*³⁸

Encontrei-me com uma senhora bastante chorosa, olhos descoloridos, entristecidos. Tinha um *rosto tombado em sombra*.³⁹ Aproximei-me devagar, para não espantar algo de vivo dessa existência tão secreta. O secreto dessa existência precisava ser preservado. Nos olhamos e já nos abraçamos. Um abraço estrangeiro, não conhecia aquele corpo. Um desabafo de vida chega. Dona Idalina estava abalada com o esvaziamento de um velório de uma amiga que ela cuidava há dezoito anos. Dona Idalina havia me dito que não houvera ninguém no velório. Suponho que a senhora chorava questionando a validade da vida, dos encontros, dos tempos outros da cidade, suponho que ela chorava por coisas que não sabia, por coisas desconhecidas. E nenhuma *carícia lhe devolve tanto a alma como a lágrima deslizando*.⁴⁰ Parecia ser um desabafo desconhecido, parecia ser um desabafo com vontade de uma volta dessa amiga, porque talvez com essa amiga, dona Idalina tivesse a sensação de um tempo que faz durar no tempo.

*quem tem olhos pra ver o tempo soprando sulcos na pele soprando sulcos na pele
soprando sulcos?
o tempo andou riscando meu rosto
com uma navalha fina*

*sem raiva nem rancor
o tempo riscou meu rosto
com calma*

*(eu parei de lutar contra o tempo
ando exercendo instantes
acho que ganhei presença)*

*acho que a vida anda passando a mão em mim.
a vida anda passando a mão em mim.
acho que a vida anda passando.
a vida anda passando.
acho que a vida anda.
a vida anda em mim.
acho que há vida em mim.*

³⁸ COUTO, 200, p. 25.

³⁹ COUTO, 2000, p. 27.

⁴⁰ COUTO, 200, p. 25.

a vida em mim anda passando.

*acho que a vida anda passando a mão em mim
e por falar em sexo quem anda me comendo
é o tempo
na verdade faz tempo mas eu escondia
porque ele me pegava à força e por trás*

*um dia resolvi encará-lo de frente e disse: tempo
se você tem que me comer
que seja com o meu consentimento
e me olhando nos olhos*

*acho que ganhei o tempo
de lá pra cá ele tem sido bom comigo
dizem que ando até remoçando*

*a Vida anda passando a mão em Mim*⁴¹

⁴¹ MOSÉ. <Acesso em 18 de dezembro de 2018.>

Disponível em: <https://acasadevidro.com/2015/03/26/quem-anda-me-comendo-e-o-tempo-viviane-mose/>.

Um aprender produzido por um Copo

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar.*

*É sempre bom lembrar
Que o ar sombrio de um rosto
Está cheio de um ar vazio,
Vazio daquilo que no ar do copo
Ocupa um lugar.*

*É sempre bom lembrar,
Guardar de cor que o ar vazio
De um rosto sombrio está cheio de dor.*

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar.
Que o ar no copo ocupa o lugar do vinho,
Que o vinho busca ocupar o lugar da dor.
Que a dor ocupa metade da verdade,
A verdadeira natureza interior.*

*Uma metade cheia, uma metade vazia.
Uma metade tristeza, uma metade alegria.
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor.
A magia da verdade inteira, todo poderoso amor.*

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar⁴²*

Um copo dentro de uma cidade. Um copo dentro de uma rua. Um copo dentro de mim. Um copo solitário guardado em uma haste fina, de pés gordos, amarelos, fizeram-me companhia por longos minutos. Um copo solitário parecia guardar a rua. Um copo-guardião de ruas. Era isso. Um copo que guardava as marcas de uma boca, que guardavam histórias, surpreende-me. Paro. Fico alguns minutos olhando para a solidão do copo não tão vazio, em cima de uma haste fina, de pés amarelos. De quem eram as marcas da boca deixadas no copo? Saio à procura de corpos que pudessem ter a boca de marcas tão profundas. Encontro com pessoas. Alguns olhares inquietos e curiosos

⁴² BUARQUE. <Acesso em 05 de Fevereiro de 2019.> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/292206/>.

surpreendem-me. As pessoas param, mas minha inquietação por procurar a boca que deixara as marcas no copo continua. Olho para uma moça: “Você sabe como esse copo chegou até ali? Sabe quem deixou esse copo ali?”. Muitos não sabem, fico surpresa. Como um copo, que carrega marcas de bocas tão inquietantes pode ser tão despercebido? Atravesso a rua, encontro com um carteiro. Conversamos: “Você sabe quem deixou aquele copo logo ali?”. Ele responde-me: “Por quê?” Interfiro dizendo que desejo enviar uma carta para a pessoa que deixou o copo, naquela haste fina e de pés amarelos. O moço sorri, e diz: “É, acho que será um pouco difícil, passam muitas pessoas por aqui, talvez seja alguém que estuda naquela escola.” Digo que posso ficar ali por um longo tempo e que irei encontrar a pessoa que havia beijado aquele copo. Chega uma dúvida: seria uma pessoa que teria deixado o copo naquela haste fina de pés amarelos tão gordos? Outra moça passa. Mas o copo de marcas de bocas tão inquietantes continua ali. Pergunto para alguém: “Quem deixaria aquele copo ali?”. O moço responde-me: “Acho que não seria o vento, seria mais difícil pro vento, é certo que foi uma pessoa”. Isso anima-me. Sigo à procura da pessoa que deixou marcas, naquele copo de haste de pés tão gordos e amarelos. Continuo nas minhas insistentes perguntas. O moço de cabelos negros, como as marcas deixadas no copo, e olhar também solitário, como daquele copo, responde-me: “Por que você está querendo saber? Vai multar?” Não, eu só quero enviar uma carta para a pessoa que deixou aquele copo logo ali. O moço sorri. Continuo à procura da pessoa que tenha beijado aquele copo. A presença do copo transforma o modo de enxergar a rua. Transforma o meu olhar diante do outro. Um copo ajuda-me a encontrar outros. Um copo pode trazer marcas de tantos outros corpos que encontrei por um caminho. Um copo faz-me companhia. Quem deixara aquele copo naquele corpo de haste tão fina e de pés tão gordos e amarelos? Outro moço chega. “Você pode fotografar aquele copo branco, preenchido por tantos afetos?”. Alegro-me, recebo as fotos do copo cheio de marcas, de encontros. E, outra fotografia do copo branco de tantos afetos. Alguns olhares desvelam outras possibilidades de enxergar o copo. A fotografia faz um recorte de uma rua que acolhe a solidão daquele copo. O copo preenche-se por histórias. Eu preencho-me por aquela solidão de um copo não tão mais vazio.

Um segredo para ser contado:

Posso dizer aqui, que descobri a boca que beijou aquele copo. Mas esse é um segredo dos mais profundos, como de quem guarda a solidão de um copo, vazio. Ouvir a história de um copo solitário e hastes finas e de pés tão gordos e amarelos é, todos os dias, conviver com a solidão de copos vazios. Sigo à procura de bocas que caibam em copos tão solitários.

Um ir aprendendo teatro em estado de rua

Terceira Margem do Rio do escritor mineiro Guimarães Rosa. Foi esse o conto que recebi após me inscrever em uma oficina de Teatro no Festivale (Festival de Cultura Popular no Vale do Jequitinhonha), em Felício dos Santos- MG. Terceira Margem do Rio como o aprender, o aprender na terceira margem. Aprender (...) *que não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio.*⁴³ Era o aprender margeando o Rio. *Sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.*⁴⁴ Aprender que agua a aprendizagem. Deixa lavar o compreender, deixa lavar o sentido das coisas, o dar sentido às coisas. Ir lavando, esfregando com furor as palavras. Ir alvejando as palavras. Foi assim que um aprender teatro foi acontecendo. As palavras fizeram-se outras. Nasceram molhadas, embriagadas de Rio. Sala de aula, sala de aula de teatro, no Vale do Jequitinhonha. Vale grandes mergulhos nessas terceiras margens de Rios. Na sala de aula, uma improvisação acontece: Duas atrizes e o teatro. Atrizes que não pisoteavam mais nem em chão nem em capim, pisoteavam o Rio. Nesse dia, encontra-se um céu azul estonteante desses que o sol chega perto da gente. De mãos estendidas como de quem deseja alcançar esse mesmo sol de Rio, palavras são soltas. “O Rio, olha o Rio. O Rio. o Rio” via-se um Rio, *largo, de não se poder ver a forma da outra beira.*⁴⁵ Via-se um Rio calado, num céu imenso, azul, sobre uma janela alta de aros cinzas e quadrados. O corpo balança, desequilibra-se. Lembrava o barulho das águas, distantes. É estranho parece que esse Rio não chega ao corpo. Até que alguém diz: “Não vá até o Rio, deixa que ele venha até você”. Algo muda. *A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.*⁴⁶ Agora o Rio é o corpo, toma o corpo. Invade. O Rio mergulha nesses corpos. Corpo molhado, corpo que cheira a Rio, cheira a terra de Rio. Corpo-água de Rio. O Rio chega, o corpo estremece, balbucia algumas palavras molhadas. “O Rio, olha o Rio, o Rio.” Inunda outro corpo, outro cheiro chega ao corpo. Rio transborda, alcança o céu de sol quente. Penetra, mergulha no corpo. Até que os corpos vão abaixando-se juntos, como numa tempestade. Tempestade de Rio adentro. E

⁴³ ROSA, 2016, p. 67.

⁴⁴ DELEUZE, 2011, p. 49.

⁴⁵ ROSA, 2016, p. 66.

⁴⁶ ROSA, 2016, p. 67.

o Rio encobre os corpos embriagados de sol e esses mesmos corpos deitam sobre um outro Rio. *E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava.*⁴⁷ Só se cantava:

*Subi no pé da roseira
O Rosa- tirana
Pra ver se te avistava
O Rosa
Cada Rosa que se abria
O Rosa- tirana
Cada suspiro que eu dava
O Rosa*⁴⁸

A cantoria vai abaixando, devagarzinho, junto aos corpos em tempestade deitados ao chão de terra. O cantar embala a recolhida do Rio e, aos pouquinhos, esse Rio vai se distanciando. Na despedida, os olhos das atrizes fecham-se, como se fosse assim: o Rio e os olhos vão juntos, num balançar inebriante de águas turvas e profundas.

Outro dia, de outro Rio:

Levamos uma imagem ou objeto para a aula. Pela manhã, encontro com uma canoa doada por uma árvore, jogada num chão de grama junto a terras que parecem de Rio. Parecia que fora avistado uma encomenda: *Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos.*⁴⁹

Uma cena: Cena de tempos outros. Dessas que podem durar por uns vinte ou trinta anos. Uma canoa na Terceira Margem do Rio, pequena de pau de vinhático, fora encomendada por um chão de gramas, doada por uma árvore. A canoa visita a sala de aula do ir aprendendo teatro. Sala de teatro que se deu na rua Joaquim Veloso. A rua como aula, como sala de aula. A canoa pediu outro espaço, sugeriu outro encontro com teatro. Pediu um espaço aberto de chão de escadas com uma cruz, *com os braços*

⁴⁷ ROSA, 2016, p.68.

⁴⁸ VIOLA. Acessado em < 05 de fevereiro de 2019>. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/pereira-da-viola/937439/>.

⁴⁹ ROSA, 2016, p. 66.

sempre abertos, mas sem proteger ninguém. ⁵⁰ Nessa mesma cruz, algumas iniciais: JNRJ e, dentro da canoa algo que nasce dessa Terra do Vale do Jequitinhonha: o Urucum. Algumas palavras são soltas em frente a uma cruz de alguns bons metros, bem maior que a canoa, mas não mais valiosa. Ao esbravejar algumas palavras, uma nuvem de poeira, passou acima de nós. Assim mesmo, como que comendo com a cena. A nuvem de poeira virou cena. Virou teatro. *Dúvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo.* ⁵¹

Algumas palavras milagrosas recolhidas de um senhor do vale, desses de pés sujos, pés descalços, desse mesmo chão de terra que se dá urucum, balbucia: “A mãe vai e a Terra fica. É uma coisa de coração. O coração da mãe para e o da terra fica. Muitas pessoas brigam por terra, ela vai e a terra fica, é um trem esquisito mesmo”. A terra, essa terra que fica: o urucum. E no céu, a nuvem de poeira, banha um corpo. É um trem esquisito mesmo. Agora o corpo é terra. É cor terra de urucum. Corpo colorido de terra. Corpo vermelhante. Corpo manchado, inundado de terra. Corpo-terra. Colorindo a passagem de um senhor, que passa a cavalo numa montaria esguia, senhor altivo e chapéu no alto. “Ei senhor, qual o seu nome?”. “Sou o Joaquim”. Joaquim: nome com a mesma inicial da cruz. Nome Joaquim, nome de rua Joaquim. Nome: JNRJ.

Aos pouquinhos outro público vem chegando: o senhor, o cavalo e uma terra que canta:

Subi no pé da roseira

O Rosa- tirana

Pra ver se te avistava

O Rosa

Cada Rosa que se abria

O Rosa- tirana

Cada suspiro que eu dava

O Rosa ⁵²

Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára (sic) de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. ⁵³

⁵⁰ CAZUZA, 1988.

⁵¹ ROSA, 2016, p. 94.

⁵² VIOLA. Acesso em < 05 de fevereiro de 2019>. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/pereira-da-viola/937439/>.

⁵³ ROSA, 2016, p. 70.

O Velório de uma Árvore

*As árvores me começam.*⁵⁴

Escrevo com mãos de árvores, mãos ásperas como casca de árvore. Escrevo com mãos de sangue de árvore, com mãos que cheiram a sangue de árvore. Sangue áspero. Escrevo com restos de sangue na folha de um caderno, vinda de uma árvore. Há restos de sangue de árvore na folha de um caderno.

Uma árvore em estado de arte descola o olhar das pessoas. Uma árvore em estado de arte desloca lugares. *A arte está por toda a parte na natureza, e o surpreendente é que o homem ainda respeite alguma coisa tão pouco útil quanto uma teia de aranha num recanto*⁵⁵ que sai de dentro de uma árvore. Seria então a arte não só coisa do humano?

Uma árvore em um parque de Juiz de Fora, em estado de arte perturba o cotidiano. Parque Halfeld, parque cercado por grandes árvores centenárias.

Sou convidada a participar de um velório de uma árvore. Uma árvore de alguns bons anos é morta, é cortada. Corta-se, também, o caminhar das pessoas. Caminhar, que passa por aquele parque de tantas árvores, é lentificado e interrompido por uma árvore cheia de sangue, com seus troncos jogados ao chão. Seiva que escorre cor sangue, escorre cheiro de sangue de árvore. A árvore sangra num choro silencioso, ouvido por quem está em estágio de ser árvore. Choro também que corta a passagem das pessoas, corta os gestos que foram interrompidos, assim como a vida de uma árvore. A vida de uma árvore é interrompida. Os gestos perdem seus lugares, encontraram outros. Ganham outros contornos. O mais importante agora não é mais os gestos em si, mais os seus contornos. É o que escapa do gesto, que diz o que *é preciso perceber que, no lugar de dizer, trata-se apenas de dizer.*⁵⁶

“Será por que eles cortaram?”. *A vida ali só podia ser olhada por quem já nada via.*⁵⁷

Um homem cego, que de cego só tinha os olhos e que enxergava com seus gestos, faz um sinal de reverência à árvore e diz como num ambiente de velório. “Que Deus a tenha”. Uma senhora o acompanha de braços dados, e em alguns sons começa a lhe dizer, como é a morte de uma árvore. A senhora trata de mostrar todo o cenário de uma

⁵⁴ BARROS, 2013, p. 24.

⁵⁵ DELIGNY, 2015, p. 81.

⁵⁶ DELIGNY, 2015, p. 85.

⁵⁷ COUTO, 1999, p. 68.

árvore morta que é cortada por mãos humanas. O senhor cego, cria uma maneira de construir o espaço, para construir os seus gestos. Ele enxerga outros gestos, diferente dos gestos das mesmas mãos humanas que cortam árvores. Seus gestos contornam toda a natureza da árvore num levantar de mãos longas para o alto e, depois essas mesmas mãos, atravessavam o horizonte, em sentido horizontal. Lembram uma cruz, uma cruz cheia de gestos cegos, mas não menos vistos por quem sente a morte de uma árvore. “Que Deus a tenha”.

Muitos olham, param, indignam-se.

“Alguém fez um trabalho artístico aqui. E esse vermelho?”. As pessoas olham para árvore como quem olha para uma obra em estado de arte, como quem olha para uma pessoa morta. Uma senhora pergunta: “O que é isso, é sangue?”. Respondo que é sangue de árvore. Ela interrompe meu gesto, segura minha mão que estava indo ao encontro do sangue: “Não coloca a mão não, pode ser AIDS. Olha que absurdo isso aqui, está pingando sangue. Árvore sangra? Árvore chora? Ah, então é por isso que eu conversei com minhas plantas.”

“Por que fizeram isso com ela? Demora tanto para crescer para cima”.

“Por que fizeram isso? Teria que fazer um manifesto. São muitos pedaços de árvores mortas. Parece que mutilaram, né? Vermelho sangue”.

Perguntam-me: “Você é da área?”. “Da área da árvore? Sim, sou”. É uma perspectiva, ser da área de uma árvore. A árvore é como gente.

O mundo estaria composto de uma multiplicidade de perspectivas. Humanos, animais e outros não humanos (espíritos e artefatos) seriam dotados de alma e se veriam como pessoas, constituídas em relações sociais. Quer dizer, todo existente seria em potencial uma “pessoa”. O perspectivismo é uma questão de grau: nem todo existente é necessariamente uma pessoa de fato. Mas, nada impede que qualquer existente se torne pessoa. Nesse sentido é na relação, na maneira como o existente se manifestará, como ocupará um lugar no espaço de relações, que ele poderá se tornar [...] uma pessoa-seja ela humana, seja animal, vegetal, mineral, espiritual.[...] Uma perspectiva é o corpo. Se na cosmologia ameríndia qualquer corpo-humano, animal, vegetal, espiritual, artefato, objeto pode ser “gente”, “gente” não indica um sujeito tomado como substantivo: dotado de essência, continuidade, identidade em relação a si mesmo. “Gente” é pronome coletivo de “a gente” [...], um marcador enunciativo [...], uma posição no espaço. O corpo é uma posição no espaço.⁵⁸

⁵⁸ MACERATA, 2015, p.30-32-33.

O corpo árvore marca uma posição no espaço, de chão de madeira de árvore morta. *A madeira (...), não são matérias inertes, são percorridas de dobras, de nervuras, de nós, que constituem seu movimento. O material é a matéria que se torna espírito.*⁵⁹ “Que Deus a tenha”. “É a qualidade da madeira que faz isso?”. “Não sei.” Alguém interfere: “Fenômeno não é não, mais que é impactante, é. Põe a mão ali, vê se é sangue? Coloca a mão na árvore e cheira, vê se é sangue?”. Fala uma senhora de lenço verde na cabeça, lenço como a cor das folhas de uma árvore viva, senhora de pele de cor tronco de árvore e olhos suspeitos. “Será goiaba? Não coloca a mão na boca”. A senhora, fecha os olhos, como em oração, talvez para estar um pouco mais como árvore, em experiência, em estado de árvore. *Não temos uma perspectiva sobre o mundo, pelo contrário, é o mundo que nos faz entrar em uma de suas perspectivas. O ser não está fechado sobre si mesmo, encerrado em um “em si” inacessível; ele está incessantemente aberto pelas perspectivas que suscita. As perspectivas abrem o Ser e o desvelam explorando suas dimensões e seus planos...*⁶⁰ E ...

No mesmo instante que entreabre seus olhos suspeitos, a senhora de lenços verdes na cabeça e pele cor de tronco, começada por uma árvore, é surpreendida por um gotejar de sangue, que cai no chão de tronco de madeira de árvores mortas.

*Não mais se trata de ser isto ou aquilo, mas sim de conquistar tantas novas maneiras de ser como se fossem tantas dimensões de si mesmo.*⁶¹ “Que Deus a tenha”.

⁵⁹ LAPOUJADE, 2017, p. 54.

⁶⁰ LAPOUJADE, 2017, p. 47.

⁶¹ LAPOUJADE, 2017, p. 59.

Ela tinha os dentes soltos como seus sonhos

Aquele menino que já estava sem os dois dentes da frente, a evolução, a evolução se fazendo, dente caindo para nascer o que melhor morde. ⁶²

Ela assenta ao chão. Parece-me uma pessoa muito próxima. Alguém que conta os seus mistérios sem segredos. Olho para ela e vejo dentes saltando de uma boca negra. São tantos dentes saltitantes, que tenho dúvida do ser que é. Me diz dos seus sonhos e do quanto deseja ser feliz. Os dentes acompanham aquelas palavras. São palavras pontudas que fazem o contorno dos dentes apodrecidos por uma vida. Eles mexem fora da boca, rangem ferozmente cruzando as palavras pontudas que relampejam os seus sonhos circulares. Um dos dentes morde o lado esquerdo de seu lábio molhado, que escorre uma comida do almoço passado. Escorrem algumas palavras ditas assim: “Sou feliz bebendo água. Me dá uma nota de dez reais?”. E acaricia um braço. Uma pele negra é misturada com uma pele branca. Parece acariciar o braço com os dentes. Somos negras. E tenho a impressão de que os dentes negros deixam algumas marcas num braço branco, agora não mais branco. “Não tem nenhuma moedinha?” E olha para o lado num olhar semiaberto, não sei bem para onde, mas é como que tivesse criado uma outra dimensão. Seu corpo fica ainda mais negro. Os dentes agora cruzam o outro lado de sua boca, lugar ainda desconhecido por um braço que guarda marcas de uma boca negra. “A senhora não tem alguma moedinha?” Levanta-se. A vejo de outro lugar. Percebo partes do seu corpo desconhecidas. Vejo partes negras desconhecidas. No mesmo instante que as partes negras vão sendo mostradas, algumas moedas vão caindo no chão de pedras cinzas e espalham-se nesse mesmo chão que escorre algumas marcas negras, deixadas pelo encontro. E lança-se num passo certo determinante para um lado da rua, o mesmo lado que o seu olhar alcançara naquela outra dimensão. Começa a caminhar e algumas migalhas de pão também vão caminhando ao encontro do chão. Elas caem de alguma das partes negras dessa mulher cheia de dentes. No instante que vão caindo, as migalhas são devolvidas para sua boca de tantos dentes. A mulher vai seguindo as migalhas de pão, assim como quem segue um caminho. Ela não deixa os rastros no chão cinza de pedras, frias. Todas as migalhas vão sendo comidas e estraçalhadas pela boca negra de tantos dentes apodrecidos por uma vida. Não sei bem quais outros sonhos tem essa mulher, mas deixo aqui uma suspeita...

⁶² LISPECTOR, 2016, p. 197.

Alguns encontros com deus e...

Um senhor alto como o seu Altar

*Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso "fosse mesmo" o que eu sentia - e não possivelmente um equívoco de sentimento - que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-Lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele. E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.*⁶³

Ele tem a cabeça raspada como vindo das forças armadas, ele tem a cabeça raspada como vindo de alguma das forças que o armava: as suas armas eram as palavras. *Ele é estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos(...)* Parece um estrangeiro em sua própria língua.⁶⁴ *Ele tem a forma de existir que agoniza. Tem um pergaminho fosco, tatuado de letras mortas.*⁶⁵ *Parece uma pessoa que vai se variando de destinação, porque recusa a biografia destino, a biografia informante de um sujeito.*⁶⁶ *É matéria que fermenta, se infecta, se corrompe. Corpo que se desgasta. Perde o prumo, desequilibra-se, cai. Arrasta-se pelo chão, tenta se pôr de pé, cai de novo. Agora rasteja. Contraí o rosto numa careta, vira um bicho qualquer. Deforma o andar de propósito, aprendiz de outras formas de caminhar. Às vezes se paralisa.*⁶⁷ *Às vezes, tem uma cabeça cheia de coisas, de palavras soltas. Uma cabeça cheia de palavras de deus. Uma cabeça de salmos e versículos. Parece um ermitão no deserto. Mas, não prega no deserto. Ele prega nos seus desertos. Seu palco era um altar. Um altar de desertos, não menos cheio de gente. Parece que vive uma solidão extremamente*

⁶³ LISPECTOR, 2016, p. 403.

⁶⁴ PRECIOSA, 2010, p. 52.

⁶⁵ PRECIOSA, 2010, p. 58.

⁶⁶ PRECIOSA, 2010, p. 48.

⁶⁷ PRECIOSA, 2010, p. 63.

povoada. ⁶⁸ O homem criou o seu altar, como um palco. A homilia desse tão homem negro, acontece em um chão de asfaltos, de cores vermelhas como o seu rosto: no momento que o senhor usa as palavras, o seu rosto muda de cor, as palavras ao serem soltas iam pintando e aquecendo o rosto desse homem, com uma cor vermelha, cheia de palavras de deus. Talvez a área mais vista desse homem seja sua boca vermelha, de poucos dentes. A avenida Rio Branco fora altar por longo tempo, desse senhor e de vários outros, que passavam por lá. Estivemos em uma igreja, sem estar em uma igreja. O homem institui um altar, em uma avenida. Era a sua avenida. O senhor é alguém mutante convocado a recitar o seu deus. *É um protagonista tão encarnado quanto anônimo, um alargador de espaços, que acompanha extasiado o pião da vida manifestando sua coreografia.* ⁶⁹ Alguém que empresta sua carne à escuta da existência. *Um tipo andarilho, um freqüentador de quebradas, alguém disposto a “fazer um perigo”, como dizia Clarice Lispector. Um naufrago de si, que teima em ancorar seus navios em terras devastadas. O homem parece ter uma pele fina de despencar carcaça abaixo.* ⁷⁰ *Um insistente falatório ronda a cabeça, e o convoca a fazer contato com essa algazarra de vozes presentes, com todas essas sutilíssimas forças invisíveis. Como que possuído, dispara em alto e bom som que rompeu de vez com esse eu.* ⁷¹

E ia despencando palavras de ordem, de sua boca vermelha de poucos dentes e disposto a fazer um perigo, com seu cajado marrom que segura em sua mão direita. Na mão esquerda, uma mala que guarda o que não se sabe. O que ele sabe, era dito nas alturas de seu altar de asfaltos: “Morra, quem sabe você morra hoje. Aí, o inferno”. Ele levanta um livro grosso, desses antigos. Aponta pro céu o seu dedo fino e negro, aponta o dedo indicador para um céu também negro. Ele aponta o dedo para o seu deus. Parece acreditar que o seu dedo, convoca um deus. Esse mesmo homem guarda um dedo que convoca um deus. “A bíblia ama você, ele ama você”. E caminha, caminha tonteante, num corpo desequilibrante, caminha trôpego, cambaleante e mais um passo, cambaleante e ajoelha no chão de muitos carros. Agora esse chão era desse ermitão, que pregava os seus desertos. “Cadê Salomão, o sucessor de deus?” E aponta para cima o seu dedo indicador na tentativa de convocar um deus, o seu deus. No instante que seu

⁶⁸ DELEUZE, PARNET, 1998, p. 6.

⁶⁹ PRECIOSA, 2010, p. 45.

⁷⁰ PRECIOSA, 2010 p. 45-58.

⁷¹ PRECIOSA, 2010, p. 52.

dedo ia descendo, o homem fecha os braços, para talvez capturar um pouquinho mais de si, do deus que acredita ter. “O remédio é você morrer. O seu lugar é o inferno. Tem que morrer. Morra. Morra”. E finca seu cajado no chão duro de cimento, chão duro como suas palavras. Ele finca uma força nesse chão. “Eu vou amaldiçoar muitas lideranças.” O dedo cai, *despenca-se, fraturam -se ossos.*⁷² Assim como dizem, que Jesus caminha pelas águas, este homem caminha por um chão rachado com dedos despencados. As palavras racham esse chão. Sabe que *viver desse jeito é intolerável, mas se recusa a compreender isso.*⁷³ As sensações eram desconcertantes, nós nos fingíamos todos de mortos, estatelados num chão de asfaltos, como zumbis de coluna ereta e dedos quebrados. Esse homem tem uma força incendiária, uma força de morte. *O incêndio de que se fala é aquele cuja queimadura branda impõe trocar de pele.*⁷⁴

Talvez esse homem esteja procurando um pouquinho de vida que nasça desse chão de asfaltos. Talvez precise *rachar uma maneira de existir que agoniza e pede para renascer.*⁷⁵ Talvez precise viver em outros lugares, para encontrar um deus de dedos longos e despencados como o seu.

⁷² PRECIOSA, 2010, p. 28.

⁷³ PRECIOSA, 2010, p. 45.

⁷⁴ PRECIOSA, 2010, p. 47.

⁷⁵ PRECIOSA, 2010, p. 59.

Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece

Fofão da Augusta é o apelido de um artista de rua que há mais de 20 anos entrega panfletos de peças de teatro na região da rua Augusta, no centro de São Paulo. Ele virou uma espécie de lenda urbana por causa da sua aparência: há alguma substância sob a pele do seu rosto que faz sua cabeça parecer duas vezes maior; suas bochechas pendem, quase soltas, como as do personagem que apresentava um programa infantil na TV aberta nas décadas de 1980 e 1990. Vem daí o apelido. Além das bochechas inchadas, ele desenvolveu uma papada, como se o excesso do conteúdo que foi injetado na face tivesse sido puxado para baixo pela gravidade. Seu nariz é muito fino, parece ter sido esculpido pela mão do homem. Já a boca é artificialmente carnuda. E geralmente está coberta por batom. Às vezes, ele cobre o rosto com pancake branco e desenha losangos coloridos em cima dos olhos quando sai para pedir dinheiro. Seus cabelos estão geralmente tingidos de loiro e num corte Chanel, na altura do queixo. Em 2014, eu estava andando debaixo do elevador Costa e Silva, mais conhecido em São Paulo como Minhocão, quando trombei com alguém. Me agachei para pegar o fone de ouvido que caiu no chão, e, quando me levantei, dei de cara com o rosto desse homem. Fazia mais de 30°C, mas ele estava com uma camisa de tricô e um pulôver cor de abóbora. Sem pensar, disse: "Eu sempre quis entrevistar o senhor, topa conversar comigo?". Ele respondeu muito educado, com uma voz fina e baixa que mal conseguia competir com o trânsito ao redor: "Eu sou muito humilde. Muito modesto. Eu não gosto da exposição". E saiu andando. Tempos depois, o jornalista soubera que Fofão, mudara de endereço. Fofão agora se encontrara num hospital. Os enfermeiros dizem que ele está internado desde março, quando chegou transferido de um pronto-socorro da região da Lapa, de onde veio com uma infecção no dedo médio da mão direita. Horas depois de ter sido recebido no hospital, ele teve de passar por uma cirurgia de emergência. O dedo, usado para mandar para aquele lugar, foi amputado. Em meio a seis pessoas com nomes e sobrenomes, há um desconhecido. A data de entrada dele é 24 de março. Ou seja, ele já está lá há 23 dias sem ninguém saber o seu nome. O quarto é limpo, grande o suficiente para ter duas camas, só uma delas feita, e tem uma vista para o Pacaembu, um dos bairros mais nobres de São Paulo. Há no canto do quarto uma poltrona, onde está sentado um homem, cochilando, por mais que a TV esteja ligada no último volume. Bato na porta e peço licença. Ele acorda, olha para Isabel e diz: "É a Edna!". Ela diz "Eu não sou a Edna". Abaixo o som da TV, ligada no "Domingão do Faustão", e tento

me concentrar na sua fala, mas é bem difícil entender com clareza as palavras que ele pronuncia. Não é só pela dicção, prejudicada pelo inchaço da boca e das bochechas. É que a maioria das coisas que ele diz não parece fazer sentido. Por exemplo: “Porque ele tem que parar de caminhar sobre a dor, ficar, ai ele é dodói, e aceitar calor humano. Calor humano, lembra quando ficamos só eu e você no planeta Marte?” “Já Corrigi a Tradução da Bíblia antiga”. Isabel tira da bolsa as bolachas de mel decoradas com glacê que trouxe de casa, e entrega para ele. Ele tem dificuldade de abrir a bandeja, então ela o ajuda. Pega uma bolacha em formato de coelho e coloca na mão dele, a esquerda, que ainda tem cinco dedos. A mão direita tem um corte, que vai do meio das costas ao meio da palma, fechado por pontos. É onde ficava o dedo médio, que foi amputado. Ele leva a mão esquerda à boca. Agradece de boca cheia. Pergunto se ele está precisando de algo. “J'Adore”, ele diz, com a boca cheia. J'Adore é o nome de um perfume da Christian Dior, uma das grifes francesas mais tradicionais. É um dos perfumes que Isabel usa. “Que chique!”, ela diz para ele. Ele responde que só usa os melhores produtos quando penteia Cleópatra. Que Fátima Bernardes lhe dá banho. Que seu rosto está nas embalagens de tinturas Wella do mundo inteiro. Ele também fala algumas frases em francês. Outras em italiano. No meio de uma conversa, emenda uma língua na outra. Perguntamos onde ele aprendeu a falar as línguas. “Eu já corrigi erros de tradução da bíblia antiga. Quando a bíblia era transmitida através de mantras.” Isabel o chama de Fofão seis vezes durante a conversa. Mas ele parece não se incomodar. E, no meio da conversa, é ele que dá um apelido para ela. Um apelido pelo qual vai chamá-la daqui por diante: Jane, porque acha que ela se parece com a atriz americana Jane Fonda. Uma hora depois de entrar no quarto do paciente desconhecido, ele está de mãos dadas com Jane. Termina o horário de visitas. Vamos embora. Ele se despede cantando em francês. A música que ele canta é “ Ne me quitte pas”. Ou “Não me abandone”, em português. Quando estamos saindo, meu telefone toca. Atendo. É a assistente social do Hospital das Clínicas que está acompanhando o paciente desde a sua internação. Ela nos convida para conversar no dia seguinte. Ela diz que nos chamou porque precisa de ajuda. Conta que o paciente se apresenta como Ricardo em momentos de sobriedade. “É Ricardo mesmo o nome? Desde o começo tinha uma dúvida. Não tinha nada de comprovante, documento. Eu pedi para que vocês viessem para saber o que vocês sabem e a gente se unir.” Uma de suas funções é descobrir quem são os pacientes sem nome, ela conta, com sua voz calma. Mas esse caso está se mostrando mais complicado que a média. “Ele já me expulsou do quarto. Eu até entrei em contato com os serviços

de população de rua dos Jardins. Até fiz o que não costumamos fazer, mandei uma foto. Nada.” Como a transferência para um hospital psiquiátrico pode demorar, é possível que ele fique semanas ou até meses no HC. Mas a longo prazo ele não pode ficar ali. Saímos da sala da assistente social e vamos para a ala de internação da cirurgia plástica. Ricardo não está mais no quarto dois, aquele na frente do posto de enfermagem. O enfermeiro está sozinho, e explica que ele mudou de quarto. Está no último, mais perto da saída. Entramos. Ricardo está nu, exceto por uma fralda geriátrica, e imobilizado na cama. Seus braços e pernas estão estendidos, com faixas de gaze cobrindo as mãos e os pés. Tiras de pano prendem os quatro membros à cama do hospital. Além disso, ele está com uma máscara cirúrgica sobre a boca. Ele foi imobilizado porque naquela manhã, dizem os enfermeiros, cuspiu numa auxiliar de enfermagem, depois de xingar uma médica. Eles dizem que podemos tentar falar com o paciente, mas que ele continua agitado. Isabel pede licença para tirar a máscara do seu rosto. Ela pergunta se seu nome é mesmo Ricardo. Ele diz que sim. Pergunto o que ele faz da vida. “Trabalho. Eu vivo de esmola. A Paulista é igual casamento: começa no Paraíso e termina na Consolação. Eu fico em qualquer lugar que dá dinheiro. O dinheiro é a coisa mais importante da vida da gente.” Em seguida, ele emenda: “Eu sou casado com a manicure do presidente. O Lula já morreu faz 25 anos”. Isabel envereda pelo assunto predileto dele. Pergunta se ele realmente acha que ela deveria dourar mais o tom do cabelo. Ele para por um segundo. E depois começa a falar calmamente. “Você mistura três gotas do blondor 772 com a tintura platinada 312. Depois bota uma bisnaga inteira de ampola azul, sua boba.” A conversa sobre cabelos e hidratações dura quase meia hora, e depois ele vira a cabeça de lado, na direção da parede, o tanto quanto consegue com as amarras. E fecha os olhos. O tanto quanto consegue. Seus olhos não fecham completamente. As pálpebras de baixo são puxadas pelo peso das bochechas, em que ele injetou meio litro de silicone, como nos contou um médico, e não encontram as pálpebras de cima, mesmo quando ele dorme. Ou finge dormir, como é o caso. Decidimos que é hora de ir embora. Ricardo não quer visitas hoje. Avisamos em voz alta que vamos embora. Ele começa a cantar. “Não se vá... Não me abandone, por favor...”. “Eu não sou desconhecido. Eu sou muito popular. Eles fazem isso porque querem dispôr de mim.” Pergunto se ele autoriza que sua história seja contada numa reportagem. “É claro! Desde que não exagerem a minha importância no mundo”.⁷⁶

⁷⁶ Recorte, retirado do site BuzzFeed News. Esse texto foi editado pelo repórter Chico Felitti, 2007.

Um homem com uma barba em sua mão

Os velhos nada falaram, ficavam mastigando o tempo. ⁷⁷ Ele mede a existência do tempo pela existência de sua barba. Barba dessas que chega à mão, parece uma mistura de peles com cabelos de barda. Quanto mais barba, mais vida esse homem tem. Tem barbas brancas como suas mãos brancas. Assim mesmo no plural. Parece que tem várias barbas, suas barbas se misturam com sua mão, às vezes se confundem. Mão e barba caminham juntas. O velho traz de companhia uma bolsinha negra no colo. Para enxergar detalhes é interessante pousar os olhos sob a bolsinha negra e mão cheia de barbas desse mesmo senhor. Um dos zípers da bolsinha negra quebra, a bolsa abre. A mão do homem cheia de barba treme, como se fosse incendiado num terremoto, um terremoto cheio de barbas e mãos de barbas. A mão junto da barba treme, e estremece. E treme mais um pouco, gira, estica, fecha, o corpo se contrai, como num bailado de mãos e barbas brancas. Sua ação o faz suar, molhando barba e mãos cheias de barba. Suor que escorria, gota a gota. Com pedacinhos de barba e mãos trêmulas, esse senhor fazia uma artesanaria, desejava assim como quem deseja o último dos desejos. Deseja tudo que podia, tudo que tinha: colocar fios de barba dentro do zíper quebrado. Era esse o seu maior desatino, a sua marca secreta, fechar o zíper de uma bolsa com fios de barba. E ele tenta e sua mão treme, estremece, e treme ainda mais, nesse chão de terremotos. É um desejo muito árduo, para alguém de barbas na mão. Até que o senhor levanta e, como num milagre, a mão cheia de barbas fica imóvel, paralisada. O corpo incendiado por um terremoto agora é calmária, é corpo quase pousado. A bolsinha é salva, o pedaço de barba ajudou a costurar a bolsa. E ele desce as escadas e acena como num tchau, agora sua mão requebra para esquerda e direita, como numa dança de mãos e barbas. E, mais uma vez, esquerda e direita. Sua barba some junto da sua mão, e o homem segura firme sua bolsinha negra, segura como quem segura um segredo secreto como sua existência.

⁷⁷ COUTO, 1992, p. 18.

Um homem negro com uma cabeça que poderia voar

Ele tem uma cabeça negra que parece voar, não é voado da cabeça, mas é que sua cabeça parece voar. O homem balança tanto seu corpo, como num vai e vem de troncos, que parece estar dentro de um relógio de pêndulos não circulares. Esse relógio tem ponteiros que se debatem. Ora para frente ora para trás, era um relógio de marcas humanas, não marca o tempo, mas marca o tempo de uma existência nômade, como numa viagem de pés fincados ao chão e tronco balançante. *Os modos de existência são ocupações de espaço-tempos [...] cada modo de existência cria o espaço-tempo que ocupa.*⁷⁸

*Os nômades [...] não se mexem, eles tornam-se nômades porque se recusam a ir embora.*⁷⁹ É o que acontece com esse homem de pés fincados ao chão, ele recusa a ir embora. Ele marca o tempo de uma existência de uma praça cheia de escadas. Pessoas sobem e descem as escadas. E sobem e descem. E sobem e descem. E o homem continua com seu pé fincado ao chão na companhia de seu tronco balançante.

*Trata-se de inventar um outro movimento, pendular, entre a iniciativa e a perturbação, nessas “disciplinas da tentativa”, existir fora dos aparelhos, a esquiva... Longe de supor um sujeito, o desejo só pode ser atingido no ponto onde alguém é privado do poder de dizer Eu.*⁸⁰ A impressão é que ele nunca soube que tivesse um Eu, ou que tivesse inventado o seu Eu.

“Ele está com vocês? Está assustada moça?”

“Ele fica ali todo dia, vem no mesmo horário”.

“Sozinha eu não iria passar ali não. Nossa, parece que a cabeça dele vai voar, ele vem de óculos escuros e os óculos não cai,” diz uma moça que caminha ao falar. À medida em que vai falando, seus ombros também se mexiam no ritmo do tronco balançante do moço de cabeça negra que parece voar.

O homem parece provocar um curto circuito com seu tronco balançante, dentro desse circuito, *e não nos cabe incluí-lo, mas está exposto, detectando por vezes aquilo que de nos escapa, aquilo justamente que não vemos porque falamos, e que eles enxergam porque não falam.*⁸¹

⁷⁸ LAPOUJADE, 2017, p 20.

⁷⁹ DELEUZE, 2010, p. 17.

⁸⁰ PELBERT, 2016, P. 315.

⁸¹ PELBERT, 2016, p. 305.

Esse homem negro não fala ou fala balançando como um balanço, é um balançar de troncos, nesse balançar o bigode do homem negro se mistura com o cavanhaque, ele fica meio sem rosto, é um rosto pintado por pelos. Rosto de pelos, de um tronco balançante, que parece guardar com esses movimentos uma intimidade maior que seu corpo. Parece proibido vê-lo pendular em seu tronco balançante. Afasto um pouco, é muita intimidade esse pendular desse moço de cabeça que parece voar. Agora os seus pés não aparecem. É um corpo sem pés. Brinco, indo para frente para trás, como o seu corpo pêndulo, num aparecer e desaparecer de pés, ele guardava em seus pés chinelos pretos, preto como seu rosto negro pardo. O corpo relógio desse homem negro, não era como relógio bomba, mas produzia circuitos. Muda de posição, agora ele fica de frente, cruzamos os olhos, sem nos olhar, parece um desatino olhar no olho desse homem, que tem uma cabeça que a qualquer momento pode voar. *Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi- porque não entendo.*⁸² Vi suas mãos, que quase se encostam uma na outra, na medida em que seu tronco balançante vai se movendo. Vi os barbantes de sua jaqueta cinza chicotarem seu cavanhaque negro, de um rosto pintado por pelos. O tronco vai se mexendo incessantemente e os barbantes de sua jaqueta cinza vão chicoteando seu rosto cheio de pelos. Vi em um instante, que as cordinhas do barbante descansam em seu ombro. E o tronco do homem continua a balançar. Seu tronco pendula, a cabeça vai em direção à perna ao mesmo tempo que as mãos tocam em sua calça branca. Todos os dias ele vem aqui, nesse mesmo horário. E traz sua água embrulhada num saco preto. A garrafinha de água tem essa tampinha azul. Nesse instante, o outro barbante da jaqueta cinza parece mais vivo, e chicoteia o seu cavanhaque, faz parecer que enquanto um barbante trabalha no seu chicoteio, o outro descansa. E, o homem de cabeça negra que parece voar, continua no seu balançar, não descansa ou esse era o seu modo de descansar.

Ele para. Um corpo de uma cabeça que parece voar, não para. Parece ter um anel no dedo indicador. Anel circular como seus movimentos pendulares. Tira a blusa depois dos incessantes movimentos, outra blusa fica, como uma pele e alguns desenhos de pássaros pregados no peito o contornam. O homem tem pele de pássaros. Pássaros que assim como o homem, fazem da existência um pouso em movimento. Os pássaros e o homem novamente pousam.

⁸² LISPECTOR apud Arap, 2014.

Cruzamos olhares. Viramos de costas, assim como quem vira a corda de um relógio para ganhar energia. Nesse corpo de cabeça que parece voar é proibido algum encontro de olhares.

Ele bebe água, parece muita. E mais um gole. Olha para longe, parece que o ato de beber água o deixa enxergando longe, como os pássaros colados em seu peito, junto a algumas árvores ao redor, que lhe fazem companhia.

Escuta-se uma voz ao longe, quase que inexistente, que pergunta: “Oh, moço, moço, moço que horas são?” O moço de tronco balançante e de cabeça que parece voar não responde, ou reponde com seu tronco balançante: eu marco o tempo de uma existência.



Foi à feira de frutas e legumes e peixes e flores: havia de tudo naquele amontoado de barracas, cheias de gritos, de pessoas se empurrando, apalpando o material a comprar para ver se estava bom — foi ver a abundância da terra que era semanalmente trazida numa rua perto de sua casa em oferenda ao Deus e aos homens. [...] Ela passeava por entre as barracas e era difícil aproximar-se de alguma, tantas mulheres trafegavam com sacos e carrinhos. Afinal viu: sangue puro e roxo escorria de uma beterraba esmagada no chão. Mas seu olhar se fixou na cesta de batatas. Tinham formas diversas e cores nuancizadas. Pegou uma com as duas mãos, e a pele redonda era lisa. A pele da batata era parda, e fina como a de uma criança recém-nascida. Se bem que, ao manuseá-la, sentisse nos dedos a quase insensível existência interior de pequenos brotos, invisíveis a olho nu. Aquela batata era muito bonita. Não quis comprá-la porque não queria vê-la emurchecer em casa e muito menos cozinhá-la. A batata nasce dentro da terra. E isso era uma alegria que ela aprendeu na hora: a batata nasce dentro da terra. E dentro da batata, se a pele é tirada, ela é mais branca do que uma maçã descascada. A batata era a comida por excelência. Isso ela ficou sabendo, e era de uma leve aleluia. Esgueirou-se entre as centenas de pessoas na feira e isso era um crescimento dentro dela. Parou um instante junto da barraca dos ovos. Eram brancos. Na barraca dos peixes entrefechou os olhos aspirando de novo o cheiro de maresia dos peixes, e o cheiro era a alma deles depois de mortos. As peras estavam tão repletas delas mesmas que, nessa maturidade elas quase estavam em seu sumo (...) comprou uma e ali mesmo na feira deu a primeira dentada na carne da pêra que cedeu totalmente. - sabia que só quem tinha comido uma pêra suculenta a entenderia. E comprou um quilo. Não era talvez para comer em casa, era para enfeitar, e para olhá-las mais alguns dias. Como se ela fosse um pintor que acabasse de ter saído de uma fase abstracionista, agora, sem ser figurativista, entrara num realismo novo. Nesse realismo cada coisa da feira tinha uma importância em si mesma, interligada a um conjunto — mas qual era o conjunto? Enquanto não sabia, passou a se interessar por objetos e formas, como se o que existisse fizesse parte de uma exposição de pintura e escultura. O objeto então que fosse de bronze — na barraca de bugigangas para presentes, viu a pequena estátua mal feita de bronze — o objeto que fosse de bronze, ele quase lhe ardia nas mãos de tanto gosto que lhe dava lidar com ele. Comprou um cinzeiro de bronze, porque a estatueta era feia demais. E de repente viu os nabos. Via tudo até encher-se de plenitude de visão e do manuseio das frutas da terra. Cada fruta era insólita, apesar de familiar e sua. A maioria tinha um exterior que era para ser

visto e reconhecido. Às vezes comparava-se às frutas, e desprezando sua aparência externa, ela se comia internamente, cheia de sumo vivo que era. Ela estava procurando sair da dor, como se procurasse sair de uma realidade outra que durara sua vida até então.

Sentou-se diante do papel vazio e escreveu: comer — olhar as frutas da feira — ver cara de gente — ter amor — ter ódio — ter o que não se sabe e sentir um sofrimento intolerável — esperar o amado com impaciência — mar — entrar no mar — comprar um maiô novo — fazer café — olhar os objetos — ouvir música — mãos dadas — irritação — ter razão — não ter razão e sucumbir ao outro que reivindica — ser perdoada da vaidade de viver — ser mulher — dignificar-se — rir do absurdo de minha condição — não ter escolha — ter escolha — adormecer — mas de amor de corpo não falarei.⁸³

⁸³ LISPECTOR, 1998, p. 125- 126.

Um diário contado por uma mulher de pés tortos, sentada em sua cadeira de rodas

Era um homem sentado em sua cadeira de rodas. Para quem o vê de muito longe, seus pés são as rodas. Esse homem podia ser visto a um longo caminhar de olhos. O olhar aproxima, agora parece que as suas rodas são seus pés, ele empurra a cadeira com os pés, as mãos ficam imóveis, ou balançam junto com pés, assim, parecendo lhe dar mais movimento, nesse balançar de mãos. Ele faz um barulhinho com a boca, xisti xisti. Parece que fora um barulhinho que o acompanha, talvez como um canto à sua maneira. Ele é diferente da mulher que caminha, não na mesma cadeira de rodas, ela caminha de pés tortos e mãos imóveis. Seu olhar parece acompanhar seus pés tortos, assim como que um recado: olhando para esse pé torto sigo adiante. Ela segue seu caminhar de rodas e pés tortos.

Ela segue seu caminhar, vê tanta gente diferente que virou outra. Come churrasquinho que parece de gato, mas não é. Pensando bem no cheiro do gato, acho que é sim. Tem um cheiro ordinário, de carne mal matada. Talvez esse gato fora morto de véspera, sua carne não descansou, era carne despertada, de cheiro matado. Um moço calçado, de botas pretas chega, pede o mesmo churrasquinho de gato de carne mal matada, fica com ela um tempinho conversando. Ele tem uma bota, que parece maior que seus pés. E, ela tem pés tortos, diferente do moço de botas. A bota, acho que a do pé esquerdo, está descosturada, aparece seu pé. *O sapato, neste nosso mundo, [...] não é só coisa de pôr e tirar. O dito sapato não compõe apenas o pé, mas concede eminência ao homem todo inteiro. O calçado é um passaporte para ser reconhecido pelos brancos, entrar na categoria dos assimilados. Existe dois tipos de negros: os calçados e os negros.*⁸⁴

Ela compra uva e maracujá, de pés calçados. Experimenta a uva antes, sem lavar mesmo, lavado ali são só os seus pés tortos, são tão lavados que parecem ter tomado banho naquela mesma hora.

Ela vê também uma senhora que atende por Linda. Linda tem um cheiro característico das roupas mal enxugadas, ela canta na companhia de seu acordeon e vende sabão para trazer dinheiro. Não tem dentes ou são muito escondidos. Acho que é por isso que se escutou mais o acordeon que a voz da senhora. Ela faz os sabões, só não corta. Tem as mãos caídas como seus dentes, não são boas para cortar sabão. Encontra também com o leitãozinho usando seus óculos. Nunca vi leitão de óculos. Parece um personagem da feira, anda com um saco nas costas e se alimenta pegando as frutas que cata no chão.

⁸⁴ COUTO, 1999, p. 28-29.

Esse homem, solta uns grunhidos estranhos, parece mais bicho que homem, ele segue sendo leitãozinho.

Ela se aproxima de um menininho paraense que veste jaqueta preta, com calça rasgada. Parece um astro do rock paraense. Seu pai vende coisas de tecnologia e lhe contou que, às vezes, é pego por policiais e que ali se sentia mais protegido para trabalhar. Ela encontra com três meninos negros, que catam latinhas, chama a atenção o olhar deles, parece quase vazio como o carrinho que carregam. No carrinho um único saco preto e poucas latinhas. Conversam uma conversa silenciosa, uma conversa vazia como os olhos dos meninos negros que catam latinhas. Ela também avista um outro homem, engraçado, vendendo peças para cortar legumes. A seu lado uma montanha de couve cortada. Parece bom ouvi-lo, parece contação de histórias. É esperto, vende bem. Tem um menino ao seu lado, que mais parece um papagaiozinho, repete o que ele diz, bem baixinho. Isso ela inventou, não sabe colocar em palavras o que era esse menino. Ela encontra também um senhor que faz bonecos trapezistas de madeira, o Carlitos. Brinca um pouco, descobre que Carlitos tem pés diferentes do seu. Não são tortos, não fazem curvas, são pés bem retinhos. Essa descoberta muda seu olhar, agora ela desvia seu olhar dos seus pés tortos e olha para o chão de frutas comido por leitãozinho.

Ela segue seu caminho, depois dessa brincadeira com Carlitos, parece satisfeita com seu caminhar de pés tortos e caminhadas curvas.

Se não fosse uma voz fininha, que parece chama-la, ela estaria bem longe. Era o menino do Pará, que parece astro de rock paraense. Ele agora está comendo algodão doce verde. Chegou até ele e lhe perguntou baixinho: Posso te dar um beijo? Ela sorri, com um sorriso de poucos dentes. Ele a beijou a bochecha esquerda. Parece um beijo leve, pequeno como seus pés. Pergunta-lhe o nome. O seu nome é Marlon. E soletra: M-a-r-l-o-n. Ela disse o dela. É, M-a-r-i-a. E despedem-se. Seus pés tortos fazem marcas nesse domingo de tanta feira.

Ah, e eu esqueci de dizer que também beijei o M- A- R- I- O- N. Não me lembro se foi na bochecha esquerda ou direita. O que importa é que também o beijei. E o beijo era um beijo descansado, doce como seu algodão doce verde.

Um homem de língua rasgada, segurado por umas palavras

Um homem negro aproxima-se. Calça roxa. Sapato que de tão rasgado parece não ter cor. Sacola azul com tomates. Chave no pescoço. Algo azul pendurado. Um passe de ônibus. Muleta na mão direita. Camisa azul por baixo. Camisa de manga curta quadriculada por cima da camisa azul, num sol bem redondo desses que ficam à mostra no centro do céu. Ele caminha tonteante. *Seu passo se demora, ziguezagueando como camaleão. Tem, por certo, medo de tombar.*⁸⁵ Caminha, pé e anti pé que se desequilibram num caminhar interrompido por tropeços. Olha-me, desvio o olhar. É muito sério olhar para aquele homem, a impressão é que ele tem uma língua que não cabe na boca. O homem fecha a boca e a língua continuava aparente. Parece um pedaço de carne mal passada, rasgada entre o canto esquerdo da boca, prendida por um dente molar. A língua tagarela umas palavras compridas, molhadas pela saliva que cuspia, ao soltar as palavras ruidosas. Dialeto nenhum alcança. A muleta cai, antes dele. Assustome. Nos entreolhamos, sorrimos. O sorriso despertou, essas palavras ruidosas, de língua rasgada, que não cabe em sua boca. Um sorriso pareceu ser o provocador de tantas palavras de uma língua mal passada, fatiada no canto esquerdo da boca. O homem cai, ao lado da muleta, os tomates rolam pelo chão. Ele *inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz à luz novas potências gramaticais ou sintáticas. Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a delirar*⁸⁶. *A língua está sempre em desequilíbrio. Que novas relações temos com a vida, com a linguagem ?*⁸⁷ E tagarela:

“Eu conversei sem carteira assinada, sem nada... E...o...o...u.... ele pagou a sua para pova isso. A modera jauu... Made jauuu. Eu bato na porta dela. A esquina de em, é... é... É... a isso monespola... chivenroa. Todo janela. Pó escrever aí. Eu não vou procurar ela não. Anota meu número 88... o que você quer saber mais? O que você quer saber mais? Quero que você vai na minha casa. O endereço: rua Francisco Bicalho. Antes que você for você liga.” Sorrimos novamente. Ele cai mais um pouco, seu tronco agora cobre o chão. Óculos na cabeça também caem, junto ao tronco. E deita-se ao chão com sua muleta esticada junto da perna esquerda. “Ela é mendiga de rua, eu não sou.” As pernas

⁸⁵ COUTO, 1999, p. 44.

⁸⁶ DELEUZE, 1997, p. 9.

⁸⁷ DELEUZE, 2010, p. 125, 129.

continuam esticadas, descansando sobre o chão. Os braços estão abertos como em cruz. Qual é o seu nome? “Jair. Quer fazer mais uma anotação meu bem?” E, fala bem pertinho. “9 anos, nar eu tinha nove anos. Estudei na esta. Eu passo. Eu só pergunto hoje, hoje. No apartamento eu moro na rua Capitão Bicalho. Eu não roubei cara. E eu casei com homem, ganhei quatro mil e não dois mil. Pode fazer o casamento da Mari Jabô. Acompanhante. Que dia você vai me dar resposta? Até hoje? Ensino dela. Quer meu telefone por aí? Agora nada. Interesse nada.” Ele levanta seu tronco do chão, aproxima-se, fica bem perto, fala mais um pouco, escuto sua saliva cair ao chão. Estica a perna. “Eu te desço o braço, você tem telefone aí?” E bate na perna, como que para as palavras saírem mais fortes. Ele levanta selvagem, indômito, indomável. Grita. Grita. Grita mais alto. Alto. Alto. Alto. Tira sua calça roxa, como um cão feroz. “Eu tenho perna mecânica.” E mostra a sua perna de pau, que segurava a de carne viva. Suas bolas negras aparecem, e a outra metade do saco fica escondida dentro de sua roupa de baixo. A muleta o acompanha. Ele levanta um pouco mais, acho que tem um pouco mais de perna para ser esticada. Coloca uma das mãos em sua coxa, fica mais alto. E, segue seu caminho trôpego. Olha para trás, nesse momento sua língua mal passada que era rasgada no canto esquerdo da boca, prendida por um dente molar, se esconde em uma boca de carne viva.

Ela caminha trôpega e altiva, com seus pés de unhas aparentes

Galo canta, ela caminha ao som de galos cantando. Ela caminha num tapete de comidas guardadas no chão.

Ela caminha assim meio trôpega, não sei se por conta das unhas do pé que estavam cortadas e sangrando. Ela parecia caminhar vagarosamente, com as unhas do pé, que de tão cortadas, sangravam levemente. *Tinha um cheiro de banheiro, tinha o cérebro oco, parecia-lhe que sua cabeça estava em jejum.*⁸⁸ *O segredo dela era ter os olhos verdes e ninguém saber.*⁸⁹ Ela caminha com sua blusa verde, de lã grossa, num sol grosso. Sacolas na mão com algo verde que carregava. Ela sorri e sua língua se parte em dois pedaços de carne, para direita e esquerda. Essa mulher carregava algo verde. Não se sabe bem o que é, mas o que precisa ser dito é que essa mulher guarda alguns segredos. Essa coisa verde que ela guardava como seu amuleto, era muito suspeita. Caminhava de batom forte na cara, como uma dama altiva, seus pés de unhas tão cortadas que sangravam levemente, não a impediam de caminhar em altivez. Na cabeça, junto do batom, uma flor grande viva, não mais viva que a dama altiva. Empurrava um carrinho laranja e também se empurrava para dentro dele. Só se via seu pé, de unhas cortadas e levemente sangrando. Se escondia e, logo depois, chegava com algo na mão, catado desse mesmo carrinho laranja. Era algo que a alimentava e engolia em sua língua partida, em dois pedaços de carne, para direita e esquerda. Em sua boca guardava permanentemente uma folha seca, catada dessa mesma flor que segurava seus cabelos negros. Ao voltar dessa viagem, de corpo empurrado no carrinho laranja e pés aparentes, sacudia sua cabeça, levemente para esquerda e direita, assim como sua língua partida, seus movimentos eram muitos discretos. Sacudia sua cabeça como uma gata no cio. Sacudia a cabeça com desejo. Usava um macacão todo verde, ela era verde de cima até embaixo. E, solta algumas palavras:

“Tem picolé de que moço?

De coco, graviola, limão...

Você quer moça, te pago um.

Você quer moça?

de Coco, graviola ou limão?

Te pago um”

⁸⁸ LISPECTOR, 2016, p. 44.

⁸⁹ LISPECTOR, 2016, p. 509.

Um homem branco que se diz escravizado

“Eu sou deficiente, deficiente da alma, do espírito.” Fala Pablo César da Silva, de Bela Aurora, com a testa brilhosa de tanto suor. “Ele é normal, eu tenho que me por no meu lugar e ir para casa. Meu irmão é pastor. Eu sou uma tentação, não chego a lugar nenhum. Estou tentando, por isso sou tentação.”

Me pede um dinheiro para comprar pão, não pode comer comida. Porque tem uma íngua no pescoço. A comida lhe dava raiva e a íngua cresce. “Só como pão com salame. Não posso comer porque fico com raiva. A gente não é juiz de forano.” E você é de onde, Pablo? “Do céu. Meu pai é negro, minha mãe é branca. A história do negro é essa: eu vim do Ceará. Eu sou negro mais tenho uma íngua no pescoço, eu sou branco. Eu queria ser negro, mais minha mãe me fez assim. Eu preciso das amas de leite para dar sangue, para bombear o coração. Porque o negro precisa de sangue.” (...) *Margens são veias de um sistema, e pulsam. Nelas circula sangue. Quando se movem os corpos ditos marginais movem as margens do sistema, evidenciando o provisório de toda e qualquer centralidade. Com efeito, o que está em jogo, antes de tudo, é exceder o desenho das fronteiras que a razão neoliberal impõe. Não se trata de expandir, mas explodir.*⁹⁰

E, ele o homem negro que precisa de sangue, que veio do céu e de pais brancos e negros. E-X-P-L-O-D-E.

Levanta catando os seus pedaços. Me pede mais dinheiro. Tenho cem anos escravizado. Eu sou escravizado ainda. E fala como que tirando seus dentes apodrecidos de uma boca faminta. *Desde antes de nascer, houve nele fome. Fome que veio da mãe que veio do pai que veio do avô que veio da avó que veio de alguém antes e alguém mais antes, os escravos que a Isabel, a Princesa, não libertou?*⁹¹

Nóis, um negro! Como a educação pensa os corpos negros? O que é o humano na educação?

A escravidão atlântica foi o único complexo servil multi-hemisférico que chegou a fazer das pessoas de origem africana mercadorias. É nesse sentido que se trata da única a ter inventado o Negro, isto é, uma espécie de homem-coisa, homem-metal, homem-moeda, homem-plástico. Foi nas Américas e no Caribe que os seres humanos foram

⁹⁰ AZEVEDO, 2017, p. 17-18.

⁹¹ LACERDA, 2006, p. 13.

*transformados, pela primeira vez na história universal, em criptas vivas do capital. O negro é o protótipo desse processo.*⁹²

*O desafio é habitar vários mundos e formas diversas [...], não em um gesto de rejeição gratuita, mas de vaivém, que autoriza a articulação de um pensamento em travessia.[...] Para ampliar as brechas que permitem resistir às forças do racismo, que são, no fundo, as forças da violência, do enclausuramento e da exclusão.*⁹³

*O pensamento contemporâneo se esqueceu de que, para seu funcionamento, o capitalismo, desde suas origens, sempre precisou de subsídios raciais. Ou melhor, sua função sempre foi produzir não apenas mercadorias, mas também raças e espécies.*⁹⁴

Como a educação produz com os corpos negros? Como a educação produz com corpos em rua?

⁹² MBEMBE, 2017, p. 11.

⁹³ MBEMBE, 2017, p. 7-8.

⁹⁴ MBEMBE, 2017, p. 4.

O processo de pesquisa

É nós, com coisas de feira: assim se produz um outro platô dessa pesquisa: A feira de domingo, na Avenida Brasil.

*De cedo à noite, fervemos água, moemos trigo, cozinhamos favas. Há bocas famintas a alimentar. Há lida incessante, mesmo ao trancar dos porões, ao arder do fogo lá e cá. Pensar as feridas é evento à exaustão. São pedaços de pernas, fragmentos de mãos, sobras de pele.*⁹⁵ São pedaços de comidas lançados ao chão. São restos que alimentam. São ciscos engolidos por quem tem fome, por quem tem pressa de um alívio.

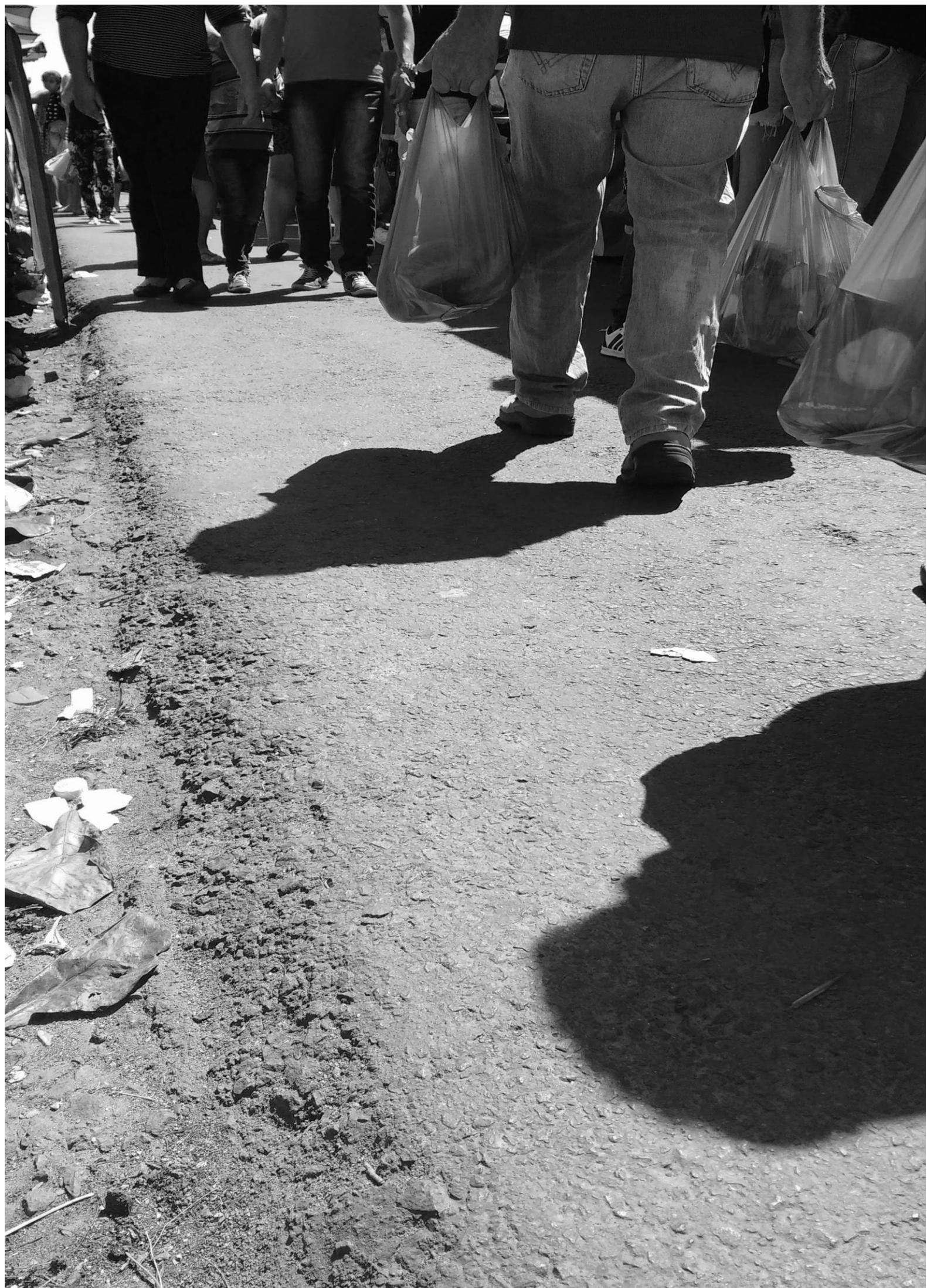
Tudo aqui é um real. Tudo aqui é um real. Não, nem tudo aqui é um real. Barracas lado a lado, vendas e doações de alimentos. Alimentos que alimentam até quem foi acostumado a viver de barriga aparente. Um lugar é achado: o chão. Dele, alguns alimentos são guardados, o chão de asfaltos também guarda alimentos e não só uma cabeça negra. Ali no chão, vários alimentos são alimentos, diferente de lixo. Alimentos são diferentes de lixo, o destino é a barriga. Aquele tomate ali no chão, entre um abacaxi e uma laranja, é entregue numa sacolinha preta, pego por uma mão negra sadia, vistosa, de tão negra parecia se misturar com o vermelho vivo do tomate. O tomate de um chão de asfaltos invade a sacola preta, pego por uma mão negra que se confundia com o vermelho vivo do tomate. Aqui tudo é um real, aqui nesse momento de feira quase nada tem preço, mas tem valor de alimento. Alimento que alimenta um povo de barriga aparente, de barriga à mostra. Quem tem barriga aparente, mostra a necessidade desses alimentos vindos do chão ou vindos de uma barraca que acelera a vida de um alimento para a barriga aparente de pessoas de mãos ávidas para guardar dentro de uma sacola esses mesmos alimentos que não exigem ser trocados por moedinhas. Agora, troca-se alimentos por fome, por necessidade de comer.

Muitos fazem uma cerca de corpos ao redor de cada barraca, tanta gente que parecia um único coletivo, coletivo das barrigas aparentes. “Está liberado”, um comerciante grita em voz reluzente. “Está liberado”. É uma voz tipo um megafone instalado em sua barriga circular. Muitas mãos se mexem, eram tantas mãos que parecia um único corpo cheio de mãos. Alguns alimentos vão caindo nas sacolinhas de vários tamanhos e cores, alimentos que alimentavam o dia de muitos. Alimentos que estacionavam em barrigas aparentes. Eram vidas com urgências de serem devoradas por alimentos de uma feira.

⁹⁵ VEIGA, 2015, p. 57.









Alguns outros possíveis numa educação se abrem. Uma outra fala com o processo do pesquisar. *Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Escrever é um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível.*⁹⁶

Escrever em processo. Isso é processo, uma travessia rio afora, rio adentro, uma travessia que cria suas margens para o rio ser, escorrer e ser navegável. Escrever é acreditar, é engendrar estados outros. *Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos.*⁹⁷ Escrever como experiência: *A experiência não é aquilo que passa, mas aquilo que nos passa.*⁹⁸ *A experiência não tem um sentido temporal cronológico, mas um sentido temporal de um instante que nos coloca em jogo, que nos arrasta, que nos problematiza [...], que nos desfaz de nossas estabilizações e certezas. A experiência tem a ver com o estranhamento, com a não identificação, com a incompreensão, com o irreconhecível. Na escrita, podemos colocar em jogo a nós mesmos na medida em que temos que reinventar quem somos, colocando em suspeição formas já constituídas de nós mesmos.*⁹⁹

Essa pesquisa me provoca deslocar o tempo e o silêncio das coisas. *Como um homem negro com uma cabeça que poderia voar, que enxergava no relógio marcas humanas, que não marcava o tempo, mas marcava o tempo de uma existência, como numa viagem de pés fincados ao chão e tronco balançante. Balança-se existências marcadas por um poder ser e não ser, essa líquida fronteira que separa o possível do impossível. Como se a verdade[...], se tornasse em coisa fluida, escorregadiça.*¹⁰⁰

Essa escrita é voz de muitos. Provoca-me encontrar espaços e tempos outros. Espaços que são também da área de uma árvore. A árvore nos diz em vozes de acontecimentos que pediram uma língua, uma língua que se desmancha entre várias, vozes que reivindicaram uma língua desenhada entre gestos, interrupções, silêncios. Vozes ditas

⁹⁶ DELEUZE, 1997, p. 11.

⁹⁷ DELEUZE, 2010, p. 222.

⁹⁸ LARROSA, 2002, p. 26.

⁹⁹ FERNANDES, 2014, p. 30.

¹⁰⁰ COUTO, 1999, p. 53.

por um homem de língua rasgada, segurado por umas palavras compridas, molhadas pela saliva que cuspia, ao soltar as palavras ruidosas. Vozes de língua que parecia um pedaço de carne mal passada, rasgada entre o canto esquerdo da boca, prendida por um dente molar. Vozes entre alguns: gaguejar. Uma cabeça negra, solta, rola pelo chão de asfaltos. Várias cabeças soltas, negras, rolam por chão de asfaltos. Várias cabeças negras, soltas, rolam por chão de asfaltos. *Ei, senhor, será que você poderia se suicidar amanhã?* Essa pesquisa procura, talvez, suicidar modos régios de produzir uma educação. Procura suicidar modos e modos instituídos de uma educação. Essa escrita procura alguns espaços de solidão e de silêncio para ir se fazendo, se multiplicando, para enfim, ter algo a ser desenhado por uma língua de papel, uma língua gaguejante, que vai se desmanchando numa língua de afetos, numa língua rasgada, numa língua outra. No livro de Clarice Lispector, *uma Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres*, Ulisses pergunta a Lori. *Por que é que você olha tão demoradamente cada pessoa? Não é por nada que olho: é que eu gosto de ver as pessoas sendo.*¹⁰¹ Essa pesquisa também gosta de ver as coisas sendo, as pessoas acontecendo. Essa pesquisa olha para o chão, gosta de ver as coisas irem nascendo. Deseja ver as coisas brotarem de um chão de asfaltos. A vida também brota de chãos de asfaltos. Também morre-se em chãos de asfaltos. Matam-se muitas cores negras em chãos de asfaltos. Matam-se muitas cores negras em chãos de asfaltos. Matam-se muitas cores negras em chãos de asfaltos. *A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que mostra que indivíduos negros vivem experiências de violência estatal pelo fato de pertencerem ao grupo negro.*¹⁰²

Saramago, bem velhinho, conta que *quanto mais se sente perto da morte, mais ele também tem necessidade de olhar para o chão, de olhar para as coisas que nascem.*¹⁰³ Essa escrita pisa em vários chãos. E, massageia chãos com o olhar. E olha para as vidas que brotam, que desejam nascer. E... Todos os dias eles acordam em tantos outros lugares. Todos os dias eles podem não acordar. Todos os dias eles nos acordam. Todos os dias eles nos acordam. Todos os dias eles podem não acordar. Todos os dias eles podem não acordar. O processo dessa pesquisa é também exercitar acordar o lugar do acaso sem programá-lo. É fazer do percurso um território. É ir descobrindo que a

¹⁰¹ LISPECTOR, 1998, p. 71.

¹⁰² RIBEIRO, 2017, p. 71.

¹⁰³ JOSÉ E PILAR, 2010.

solidão é povoada, e tentando multiplicar encontros, e, não só com pessoas. Pelbart, no vídeo, “*Como viver só*”, nos conta que: *Encontrar não é colidir-se extrinsecamente com outrem, mas experimentar a distância que nos separa, e sobrevoa. Lá num vai e vem louco. Encontrar também é afetar e ser afetado. É envolver, envelopar, aquilo que se encontra. Preservar a sua distância, é a potência de um envelopamento. Seria preciso partir das vidas precárias, dos desertores anônimos, dos suicidados da sociedade e acompanhar suas solidões.*¹⁰⁴ Essa pesquisa exercita acompanhar algumas solidões que se fizeram povoadas entre chãos que pisei.

As coisas estão por um Fio. Esse foi um dos encontros com um senhor que catava moedinhas, com um fio verde e, na ponta desse fio, um ímã. O senhor catava moedinhas entre algumas gretas de um chão de asfaltos. Assim como numa pescaria de moedas. Talvez essa cordinha, marca a sua distância, a sua solidão. E o meu encontro com esse senhor, talvez tenha sido também para desenhar com ele uma assinatura dessa história. Talvez tenha sido para marcar essa distância. E encontrar com esse senhor, fora um exercício de viver junto, nessa nossa solidão tão secreta. *Era preciso estender o mais longe possível o fio de suas simpatias vivas. Servir da solidão como um meio de multiplicar-se numa linha de fuga criadora.*¹⁰⁵ *Não se trata de encontrar o que já existe, nem mesmo o que se procura, mas de criar através desse vagar aquilo que se encontra, é uma pesca que cria o peixe,*¹⁰⁶ é uma pesca que cria as moedinhas. Esses encontros nos dizem que cada corpo é assinado por muitos outros.

Uma outra assinatura. Encontro com o senhor Altair, 47 anos, negro. Ele me diz do seu Sonho. O sonho dele é estar. O sonho do senhor Altair é Estar. E o desejo dessa escrita, assim como o sonho do Senhor Altair, é também Estar. O desejo dessa pesquisa é enxergar o *e* das coisas. É enxergar o entre das coisas, é dar voz ao deserto afetivo dos encontros. É nós !!!

¹⁰⁴ PELBART, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8wh6LKLRIY>.

¹⁰⁵ PELBART, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8wh6LKLRIY>.

¹⁰⁶ PELBART, 2016, p. 300.

Outros Possíveis:

AZEVEDO, José Fernando Peixoto de. **Eu, um Crioulo**. São Paulo: ed: n-1, 2017.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. São Paulo: Leya, 2013.

BUARQUE, Chico. **Copo Vazio**. Acesso em <05 de Fevereiro de 2019> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/292206/>

CAZUZA. **Um trem para as Estrelas**. Álbum Ideologia: Rio de Janeiro. Gr: Mercury Records, 1988.

COUTO, Mia. **Mar me quer**. Lisboa: Caminho, 2000.

COUTO, Mia. **Vinte e Zinco**. Lisboa: Caminho, 1999.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Lisboa: Caminho das Letras, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**: Gaguejou. Tradução de Peter Pal Pelbert. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, PARNET. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: editora 34, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: editora 34, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: ed: n-1, 2015.

FERNANDES, Filipe. **A QUINTA HISTÓRIA: Composições da Educação matemática como área de pesquisa**. Programa de Pós-graduação em Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, (Tese em Educação), 2014.

FELITTI, Chico. Acesso em: < 27 de Fevereiro de 2018> Disponível em:
https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece?utm_term=.qpgV85lgm#.udKwVdEom.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LAPOUJADE, David. **As existências Mínimas**. São Paulo: ed: n-1, 2017.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 19-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARA, Tiago Adão. **Educação Corpo Inteiro**. Acesso em: <21 de novembro de 2018.> Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/8191/5208>.

LIMA, Kelly. Acesso em <27 de Fevereiro de 2018> Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1936067-morta-em-copacabana-moradora-de-rua-se-destacava-por-porte-nobre.shtml>.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. 1 ed- Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

MBEMBE, Achille. **O Fardo da Raça**. São Paulo: ed: n-1, 2017.

MACERATA, Iacã Machado. **Traços de uma clínica de território: Intervenção clínico- política na atenção básica com a rua**. Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFF(Tese em Psicologia), 2015.

MENDES, Miguel Gonçalves. **José e Pilar. Conversas Inéditas**. El Deseo, 2011.

MOSÉ, Viviane. **A vida anda passando a mão em mim** <Acessado em 18 de dezembro de 2018.> Disponível em: <https://acasadevidro.com/2015/03/26/quem-anda-me-comendo-e-o-tempo-viviane-mose/>.

NIETZSHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2005.

PELBART, Peter Pál. **O Averso do nihilismo: Cartografismo do Esgotamento**. São Paulo: n-1, 2016.

PELBART, Peter Pál. **Como viver só**. Acesso em <21 de novembro de 2018> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8wh6LKLRIY>.

PELBART, Peter Pál. **O devir-negro do mundo**. Revista Cult, ano 21, novembro de 2018.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade- Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

QUEIROS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. Acesso em <05 de Fevereiro de 2019> Disponível em: <https://www.goodreads.com/work/quotes/17271649-vermelho-amargo>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: o lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Grande sertão: veredas**. 32^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROOS, A. P. **Nunca se sabe como alguém aprende....** In: II Colóquio Francobrasileiro de Filosofia da Educação - O Devir-mestre: entre Deleuze e a Educação, 2004, Rio de Janeiro. cd-rom, 2004. v. único.

SAFACLE, Vladimir. **Quando as ruas queimam: Manifesto pela Emergência**. N-1edicoes.org. 2016, p. 7.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. **Fiar a escrita: Políticas de narratividade. Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antropozofia da imanência**. Programa de Pós-graduação em Educação- UFJF (Tese em Educação), 2015.

VIOLA, Pereira da. **Tirana da Rosa**. Acesso em <05 de fevereiro de 2019.> Disponível em <https://www.letas.mus.br/pereira-da-viola/937439/>.